

www.harmonianet.org

UMBANDA E EXPERIÊNCIAS FORA DO CORPO



PABLO DE SALAMANCA

2017

SOBRE O AUTOR

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. O presente trabalho, “Umbanda e experiências fora do corpo”, é o 20º livro que se concretiza pelas mãos de Pablo. Outras obras veiculadas por Pablo de Salamanca até o momento, sendo algumas mediúnicas: Sabedoria em versos (2001), Depoimentos do Além (2005), Vidas em versos (2005), O Trabalhador do Umbral (2007), Experiências extrafísicas (2008), Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso (2009), Reflexões (2009), Experiências extrafísicas II (2010), Percepções (2011), Sonetos para refletir (2011), Espiritualismo em foco (2012), Faces da projeção astral (2012), Novas percepções (2013), Experiências extrafísicas III (2013), Vivências (2014), Projeção astral: perguntas e respostas via Internet (2014), Guardião (2014), Viagem astral: relatos comentados (2015) e Vivências de Umbanda (2016).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

CAPA

A capa é fotografia de G. Altmann, pertencendo aos arquivos do site <http://pixabay.com/pt/> (acesso em 18/01/2017), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* **www.harmonianet.org**, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do *e-mail* **contato@harmonianet.org**, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o autor e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

Prefácio	1
Introdução	2
As experiências fora do corpo em minha vida	3
<u>As minhas experiências fora do corpo e a Umbanda</u>	7
Relato 1 – Encontro com amparadores	8
Relato 2 – Um teste no Mundo Extrafísico	9
Relato 3 – A descida	11
Relato 4 – Luta no Astral	13
Relato 5 – A viagem pioneira	15
Relato 6 – O deformado	17
Relato 7 – Pequena reunião de trabalho	19
Relato 8 – Aprisionamento de entidades	21
Relato 9 – Viagem a São Paulo	23
Relato 10 – Diversão no mar	26
Relato 11 – Delinquentes no Astral	27
Relato 12 – Aprendizado e aviso	29
Relato 13 – Área de sexo livre	32
Relato 14 – Caminhando no Umbral	35
Relato 15 – Conversando com um índio	37
Relato 16 – Cavalos em projeção	38
Relato 17 – Reencontro e tarefa assistencialista	39
Relato 18 – Um amigo enfezado	42
Relato 19 – Retornando com lucidez	43
Relato 20 – Doentes mentais	45
Relato 21 – Luta no Astral	46
Relato 22 – Mediunidade e ectoplasma no Astral	49
Relato 23 – Fui enganado no Astral	50
Relato 24 – O guardião africano	52
Relato 25 – Um suicida?	54
Relato 26 – O caboclo	56

Relato 27 – “Puxão de orelha”	57
Relato 28 – A surpresa	59
Relato 29 – Influência sobre uma pessoa	62
Relato 30 – Obsessor na casa	64
Relato 31 – Lutando por lucidez	65
Relato 32 – Criança com dificuldade	67
Relato 33 – Passeio energizante	69
Relato 34 – A grande captura	70
Relato 35 – Antevéspera de trabalhos no centro	72
Relato 36 – Entidades em trabalho	75
Relato 37 – Encontro com humorista desencarnado	77
<u>Parte final</u>	80
A influência da corrente umbandista em minhas viagens astrais	81
Palavras finais	82

PREFÁCIO

Inicialmente, saudamos a todos que tiveram interesse pela leitura deste livro, que trata do assunto “experiência fora do corpo” (EFC) no contexto da corrente espiritual umbandista. Faz-se necessário, neste prefácio, explicar brevemente o que é uma EFC, também conhecida por outros termos como “projeção astral”, “projeção da consciência”, “viagem astral”, “desdobramento espiritual” etc. Assim, definimos muito sinteticamente uma “experiência fora do corpo” como a saída de nossa “consciência” ou “inteligência espiritual” do nosso corpo material. Isto acontece através de outro “corpo” ou “veículo” mais sutilizado que a matéria, a qual recebe muitos nomes, conforme a linha de estudos ou doutrina filosófica/espiritualista: “corpo astral”, “perispírito”, “psicossoma”, dentre outros.

Dito isso, assinalamos que esta obra é mais direcionada ao público umbandista, embora os diversos tipos de leitores, aficionados por viagem astral, também sejam contemplados. Este direcionamento mais específico aos umbandistas é devido a duas razões principais: a primeira é que os adeptos do Umbandismo muitas vezes passam pelo fenômeno das experiências fora do corpo, de forma espontânea, mas nem sempre o compreendem muito bem; a segunda razão é em decorrência do escasso e disperso volume de informações sobre este tema, dentro da vivência umbandista, junto aos chamados guias e protetores desta corrente espiritualista.

O presente livro é constituído por 37 relatos de projeção astral de Pablo de Salamanca, sendo 27 extraídos de obras anteriores do autor (Experiências Extrafísicas – 2008; Experiências Extrafísicas II – 2010; e Experiências Extrafísicas III – 2013), bem como de 10 relatos inéditos, ocorridos entre os anos de 2013 e 2016. Após cada narrativa de experiência extracorpórea, o autor acrescentou um item denominado “Comentários adicionais”, de forma a esclarecer questões mais afeitas ao Umbandismo. A presente obra também traz algumas informações sobre o fenômeno da projeção da consciência, sobre aspectos da mediunidade da Umbanda e sobre as entidades espirituais que atuam dentro desta frequência vibratória.

INTRODUÇÃO

Uma boa parcela dos adeptos da Umbanda ainda não está acostumada com o tema “experiência fora do corpo” (EFC). Assim, para compreender melhor este livro, faz-se necessário tecer alguns comentários prévios sobre o fenômeno, além do que já foi assinalado no prefácio.

A projeção astral acontece de maneira natural. Quando vamos dormir e saímos do Plano Material para o chamado Mundo Espiritual, também denominado Mundo Astral, Plano Extrafísico dentre outras terminologias, uma experiência fora do corpo (EFC) acabou de acontecer. Ela pode ser provocada por meio de técnicas bioenergéticas, mas não abordaremos essa questão nessa obra.

Uma projeção astral (ou EFC), resumidamente, pode ser de três tipos: 1- **Consciente**, quando a pessoa sai do corpo com plena lucidez, entendeu que está fora da matéria e interage no Astral de uma forma lógica com este ambiente e com as possíveis entidades ou encarnados projetados presentes; 2- **Semiconsciente**, quando o indivíduo que se projetou não está plenamente cômico de seus atos, alternando momentos de racionalidade com períodos oníricos (sonhos); e 3- **Inconsciente**, no caso em que a pessoa se desloca de seu corpo físico, mantendo-se dormindo e até sonhando no Astral, ou simplesmente agindo como um sonâmbulo, repetindo automaticamente as vontades e atitudes do seu dia a dia material.

É fundamental colocar, também, a questão da **capacidade de rememoração**. Há pessoas que se projetam com lucidez parcial ou até plena, mas, ao retornar ao corpo físico, não se lembram do que fizeram no Astral. Assim, o fenômeno acontece mas não é registrado pelo indivíduo. Isso ocorre com muita gente, inclusive com os médiuns umbandistas, que são muito requisitados por seus guias, para atuarem no Plano Extrafísico. Então, a capacidade de recordar as experiências vividas no Mundo Espiritual é um fator muito importante a ser considerado. Existem técnicas para aumentar a capacidade de rememoração, mas não é objetivo deste livro, aprofundar este aspecto.

Com o que foi colocado até aqui, mesmo o leitor inexperiente já percebeu que o assunto é amplo. A projeção astral, bem como os vários aspectos a ela vinculados, consistem em algo vasto. Desta forma, aqueles que desejarem aprofundamento maior podem acessar o *site* www.harmonianet.org, onde estão disponíveis livros e artigos sobre o tema, de maneira inteiramente gratuita. No entanto, o leitor atento perceberá que os relatos que se seguem, nesta obra, trazem diversas explicações relevantes sobre o fenômeno.

AS EXPERIÊNCIAS FORA DO CORPO EM MINHA VIDA

Tive o meu primeiro contato com experiências extrafísicas na infância. Na época, não entendi bem o que ocorrera, achando que fora um mero sonho, embora tivesse sido maravilhoso. Eu deveria ter nove ou dez anos de idade e, sendo originalmente de família católica, não teria uma explicação muito clara sobre o acontecimento.

Contei a minha mãe sobre o meu “sonho” ainda de manhã, ansioso por compartilhar a grande alegria que tive. Também trazia, no meio do peito, uma sensação muito boa, que era oriunda da lembrança da energia que emanava do ser que me acompanhou, naquela viagem astral tão linda. Recordo-me, ainda hoje, com os meus quase 50 anos de vida material, do longo voo que fiz, de mãos dadas com um adulto de roupas brancas, que tinha a particularidade de ter o rosto envolvido por uma espécie de véu branco. Nós voávamos sobre uma enorme floresta, entrecortada por rios bastante sinuosos e muito azuis (parecia a Floresta Amazônica vista do alto). A nossa comunicação ocorria com grande facilidade, porém não havia necessidade de palavras. Cada pensamento curioso e interrogativo, de minha parte, era respondido automaticamente, como se as ideias dele brotassem dentro de minha mente.

Hoje, entendo que a intenção daquela entidade, em resumo, era de me mostrar a beleza da natureza que Deus havia criado e como poderia ser boa a vida do ser humano que se integra à Divindade. Ele era um ser que me compreendia profundamente, como se fosse um pai muito carinhoso e sábio, que me conhecesse desde tempos imemoriais. Sentia-me totalmente confiante e relaxado na presença dele. Em nenhum momento, passou pela minha cabeça que poderia cair daquela imensa altura em que voávamos. Eu sabia que o conhecia de longa data, porém, estranhamente, não lembrava exatamente quem era. Além de tudo, havia o véu sobre o seu rosto, que dificultava algum tipo de reconhecimento, embora isto não importasse para mim naqueles momentos de tão grande felicidade. A sensação do voo era magnífica e, além disso, eu estava extasiado com a beleza da floresta.

Depois de um período significativo, que não posso precisar ao certo, voando pelo céu azul, despertei muito feliz na cama. Tentei, obstinadamente, voltar a dormir e retornar a voar. Até consegui pegar no sono, mas o puro desejo que tinha não foi o suficiente para conseguir alçar voo, novamente, até o céu. Encontrei-me fora do corpo, mas dentro do prédio onde residia na época, mais exatamente no corredor do terceiro andar do edifício, próximo ao meu apartamento. Dirigi-me à escada e saltei, tentando flutuar, várias vezes. Numa das tentativas, consegui um pequeno voo

entre o meio da escada e o segundo andar do prédio, após ter me lançado no vazio de barriga. Em seguida, após várias frustrações, tornei a acordar em minha cama.

Como comentei, minha mãe logo soube de minha experiência. Perguntei-lhe o que significava o sonho, se seria alguma coisa boa. Ela respondeu-me que as crianças quando sonham que estão voando, é porque estariam crescendo durante o sono. No entanto, ela ponderou que o homem que me acompanhara deveria ser o meu Anjo da Guarda. Aceitei as suas explicações sem questionamentos, pois, afinal de contas, eu era apenas um garoto.

Após esta viagem astral, não tive outras em que pudesse voar, durante a minha infância. A projeção que realizara, fora claramente promovida pela entidade que me conduzira, ou seja, tive uma típica projeção “patrocinada” por um amparador (guia ou mentor). Daquele período de minha vida, recordo ainda algumas possíveis projeções, de menor importância pessoal, que não relatarei aqui. Apenas gostaria de destacar, que houve uma fase em que eu tinha muitos sonhos em que estava caindo, seja da janela de meu quarto, da sala ou de outros lugares elevados. Nestes casos, era frequente eu despertar abruptamente no corpo material, como se tivesse recebido um baque. Hoje entendo que, naquelas oportunidades, eu estava fora do corpo, dormindo no Astral. Quando alguém está neste estado de “projetado inconsciente”, é possível ter sonhos que descambem para imagens de queda, refletindo a reentrada do corpo astral no corpo físico. Ou seja, quando o corpo astral está flutuando sobre o corpo material e começa a descer para o físico, provoca estes sonhos de queda.

Durante a minha adolescência, após um período de “crises existenciais”, descobri o Espiritismo Cristão. Muitas das respostas que eu precisava para dirimir minhas dúvidas, surgiram a contento. Mais à frente (meados da década de 80) descobri o “desdobramento espiritual”, através de livros espíritas, sobretudo os assinados pelo espírito André Luiz, através da mediunidade de Chico Xavier. Passei a compreender que, durante o sono físico, era possível um indivíduo sair de seu envoltório material, por meio de seu perispírito, e atuar nos planos espirituais. Em outras palavras, eu descobrira a projeção astral, que no meio espírita é chamada por termos diferenciados dos utilizados por outras “escolas”. Então, eu havia ampliado a minha compreensão sobre o fenômeno. Passara a entender o que havia acontecido comigo na infância, naquela noite em que eu fora levado pelo meu mentor para o belo passeio no Mundo Extrafísico. No entanto, eu não compreendera que projetar-se poderia ser provocado pela própria vontade da pessoa. O Espiritismo não estimula ostensivamente esta prática, nem oferece técnicas para induzir viagens astrais. Nesta fase de minha vida, já no final da década de 80, apenas posso destacar que houve uma experiência extracorpórea digna de nota. Em determinado dia, retornando cansado da universidade, senti-me com pouca energia e bastante desanimado. Antes de dormir fiz uma oração, que mais foi um pedido de socorro

à Espiritualidade. Para minha surpresa fui atendido. Após pegar no sono, encontrei-me num recinto com boa luminosidade, onde eu estava de pé no centro de um círculo de pessoas, todas de branco, que me irradiavam energias, através de suas mãos espalmadas. Fiquei muito feliz com aquela ajuda extra, mas algo chamou a minha atenção. Alguma força “puxava” a minha cabeça por trás. Tentei virar o rosto para entender o que era aquilo, notando que a minha cabeça parecia estar alongada para trás. Algo estava grudado nela ou este algo saía do meu crânio. Logo após receber aquele “banho de energias benéficas”, despertei no corpo físico sentindo-me leve. No entanto, ficara em minha memória aquela situação inusitada do “alongamento” da minha cabeça. Fiquei raciocinando, até que lembrei de algum livro ou revista em que lera sobre uma conexão entre o corpo material e o perispírito. Era o famoso “cordão de prata” ou “cordão fluídico”. Hoje compreendo que este cordão é um elo energético entre o corpo astral e o físico. Na realidade, é como um prolongamento do corpo astral, que permite uma troca energética entre o veículo físico e o astral. Com o tempo, e novas experiências extrafísicas, notei que eu só o percebia em raras oportunidades, sempre quando estava projetado nas imediações do corpo físico. Entendo que, quanto mais nos projetamos para longe do corpo material, mais o “cordão de prata” se “estica” e torna-se sutil, a ponto de não o percebermos mais. Além disso, é importante assinalar que o cordão, quando é percebido pelo projetor, pode apresentar-se saindo em pontos variados do corpo astral, ou seja, não apenas pela cabeça. Em verdade, há múltiplos “filamentos” energéticos de conexão entre os veículos físico e o astral (partindo de diversos pontos diferentes). Às vezes estes “filamentos” unem-se ou estão tão próximos que o compreendemos como um cordão.

A partir de 1993, passei da teoria espírita para a prática. Eu começava a participar de atividades em centros espíritas. Em pouco tempo, eclodiram as faculdades mediúnicas. Após alguns meses, eu já “incorporava” (psicofonia) entidades perturbadas, que precisavam de algum tipo de ajuda. Passei a praticar também a irradiação de energias curativas e, com o tempo, outras “sensibilidades” foram surgindo e se desenvolvendo, como a psicografia. Portanto, um mundo novo estava a minha volta, estimulando a uma busca mais intensa da Espiritualidade. Com esta conjunção favorável ao intercâmbio com os mundos sutis, passei a ter experiências fora do corpo para prestar auxílios a desencarnados. Não era algo provocado por mim, mas sim uma continuidade das tarefas que eu realizava no Plano Terreno. Os desdobramentos ocorriam, promovidos por mentores ligados ao trabalho mediúnico que eu realizava nos centros (durante alguns anos participei de dois grupos espiritualistas distintos ao mesmo tempo, sendo um de orientação “kardecista” e o outro umbandista).

Então, em meados da década de 90 e até os dias de hoje, aprofundi minha ação

mediúnica na Umbanda. Nesses quase 24 anos de labuta no Umbandismo, fui percebendo o quanto os guias dessa corrente espiritualista requisitam os médiuns a atuarem no Astral. E é isso que venho compartilhar nesta obra, através dos relatos que se seguem, que são exclusivamente com a presença ou sob a influência marcante de entidades da Umbanda. Ao longo de minha existência terrena, tive também experiências extracorpóreas sem uma participação clara da corrente umbandista, mas estes relatos estão omitidos neste livro, pois constam em outras publicações que já realizei.

**AS MINHAS EXPERIÊNCIAS FORA DO CORPO
E A UMBANDA**

RELATO 1 – ENCONTRO COM AMPARADORES

Esta projeção ocorreu numa época imediatamente anterior ao início de minhas atividades mediúnicas. Hoje, percebo que foi uma espécie de “marco” ou “ponto de partida” para as referidas atividades. Eu estava voando, impelido por alguma força externa a minha vontade, em elevada altura. A velocidade era grande, mas suportável, possibilitando-me observar com certo prazer, a bela paisagem. Eu estava sobre a orla marítima de alguma região não habitada, possivelmente um lugar do Plano Astral. Podia ver, lá embaixo, o mar com uma coloração azul muito especial e, de vez em quando, apareciam prolongamentos de terra que se estendiam para dentro das águas (eram como estreitas e longas penínsulas). O sol estava alto, iluminando vigorosamente todo o ambiente e formando um dia lindo.

Em certo momento, percebi que a minha trajetória começou a declinar e a velocidade parecia aumentar. Logo o declínio tornou-se intenso e passei a me preocupar com a descida. Após pouco tempo a rapidez do voo cresceu, sendo, agora, muito grande. Olhava para baixo e via uma alternância de mar e terra (as penínsulas aumentaram de quantidade, sendo muitas em sequência, entremeadas por faixas de mar de largura variável). Como não tinha boa experiência com viagens astrais, o medo irracional de me machucar tornou-se predominante. Eu torcia para que a queda iminente fosse nas águas. Quando estava prestes a bater na superfície, onde me chocaria violentamente contra o mar, minha tensão chegou a um limite extremo. Contudo, a poucos metros da linha d’água, a queda foi bruscamente interrompida. Uma onda de energia benéfica inundou-me, trazendo-me grande tranquilidade, quase instantaneamente. A seguir desci um pouco mais, flutuando suavemente de pé, até quase encostar no mar, que estava muito sereno. Então vi, cerca de seis metros a minha frente, três seres que estavam parados no ar, a poucos centímetros das águas. Do lado esquerdo, pairava um homem alto de pele morena, fartos cabelos (porém não longos), bigode e barba. Parecia ser um indiano. Ele tinha um olhar magnético e autoconfiante. Trajava longa túnica branca e estava de mãos dadas com uma segunda pessoa. Esta era uma belíssima mulher, esguia e delicada, com compridos cabelos loiros, mas cujo rosto não me era possível enxergar, pois estava coberto por um tipo de véu branco. Ela era mais baixa que o homem e usava um vestido longo branco. Esta entidade feminina, por sua vez, estava de mãos dadas com uma linda menina. Esta criança, que tinha formas semelhantes à mulher, também trajava um vestido alvo e comprido. Não foi possível ver o rosto da menina, que estava encoberto da mesma maneira que o do ser feminino adulto. Portanto, o trio formava um belo quadro a minha frente e irradiavam uma energia muito agradável e reconfortante. Após alguns momentos, despertei na minha cama do

alojamento da universidade (nesta época eu estava fazendo mestrado).

Alguns minutos depois de voltar ao corpo físico, o impacto daquele encontro ainda era muito forte. Entendi que eram seres espirituais e que haviam me atraído para aquele lugar paradisíaco. Intuitivamente, os compreendi como uma espécie de protetores sutis. Muitas pessoas os chamariam de guias, mentores ou amparadores. Ainda hoje, guardo com nitidez a imagem deles e a memória das sensações agradáveis que suas vibrações provocaram em mim.

DATA: 1992

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Na época que publiquei este relato, não revelei que esta experiência coincidiu com a minha aproximação da Umbanda, quando passei a frequentar centros como consulente. Um pouco depois, ingressei num terreiro umbandista como médium e, neste local, contei esta minha viagem extracorpórea a uma médium experiente. Então, ela explicou-me que essas entidades eram meus guias espirituais, sendo o ser masculino um representante da Linha de Xangô. Quanto à entidade adulta feminina, deduzi que era pertencente à corrente de Iemanjá, o que confirmei algum tempo depois. Com relação à criança espiritual, até hoje permanece um mistério para mim, pois só conheço os erês masculinos que fazem parte de minha missão mediúnica.

RELATO 2 – UM TESTE NO MUNDO EXTRA-FÍSICO

Esta experiência aconteceu logo após o início de minha participação em dois grupos espiritualistas, ao mesmo tempo. Era uma época difícil para mim, pois eu estava fazendo um mestrado na universidade e me dividia também entre os dois centros. Como as sensibilidades mediúnicas estavam aflorando e eu tinha pouca experiência no assunto, sofria a pressão de entidades assediadoras, que atrapalhavam o meu sono e me sugestionavam mentalmente a ter inseguranças e temores infundados.

Numa determinada noite, depois de adormecer pesadamente, eu fora “acordado” por uma grande barulheira causada por alguém do lado de fora do apartamento de meus pais. Na realidade, eu despertara numa dimensão astral próxima vibratoriamente ao Plano Terreno. Estava

em meu quarto e tudo o que eu via era igual ao Mundo Físico, embora estivesse numa dimensão mais sutil. Eu sabia quem era o causador da confusão no ambiente, como se eu já conhecesse aquele obsessivo de outras viagens astrais anteriormente por mim realizadas, mas que, no entanto, não pudera rememorar no Mundo Material. Contudo, ali no Astral, eu retinha na memória a figura do ser perturbador, que era um “homem-macaco” muito alto e forte (os assediadores astrais costumam alterar as suas aparências, plasmando formas que possam intimidar ou amedrontar).

Fiquei preocupado de que o apartamento (no terceiro e último andar) fosse invadido pela entidade e corri para a janela de meu quarto para tentar enxergar as janelas do apartamento 103, situado no andar térreo, que estava vazio na época, pronto para ser alugado. Eu percebera que o barulho vinha daquele apartamento, mas nada pude ver lá, em decorrência de suas janelas estarem fechadas. Então olhei para cima, pois notara um movimento no telhado do prédio. Divisei alguns homens fortes e sem camisa. Pensei que eles poderiam ser pedreiros e que talvez estivessem consertando o telhado (aqui houve uma confusão mental de minha parte, ou seja, uma redução de lucidez durante a projeção).

Subitamente, resolvi conferir de perto o que estava acontecendo lá embaixo. Corri para a sala do apartamento, abri a porta (obviamente manipulei a “porta extrafísica” que correspondia à porta física do domicílio) e desci pelas escadas até o primeiro andar. Dirigi-me ao apartamento 103, de onde provinham os gritos e sons de pancada. Aquela residência estava aberta e, desta forma, adentrei no recinto. Para minha surpresa, no interior do lugar, encontrei os quatro “pedreiros” que vira no telhado do prédio em poucos momentos atrás. Eles imobilizavam firmemente o “homem-macaco”. Cada um deles segurava em um membro da entidade, que vinha nos braços deles, agora, aparentemente desacordada. Os quatro trabalhadores sorriam de forma confiante e satisfeitos em terem capturado aquele ser. Eu estava um tanto assustado e ao mesmo tempo aliviado por terem neutralizado aquele espírito. No entanto, os quatro “pedreiros” aproximaram-se de mim, como se estivessem me apresentando a entidade para que eu a examinasse. De repente, a parede ao meu lado transformou-se. Foram plasmados diversos machados diante de meus olhos atônitos. Todos estavam pendurados naquela parede, a minha inteira disposição. Eram machados de muitos tipos, sendo que alguns tinham formatos como eu nunca vira no Plano Terreno. Automaticamente, entendi que estavam me dando uma oportunidade de agredir ao “homem-macaco”. Impulsivamente, pensei: “vou rachar a cabeça desse bicho para ele não perturbar mais ninguém.” Apanhei um machado e, ao chegar mais perto, senti um mal-estar. Logo pensei: “Não! Como eu posso fazer isso?! Eu não!” Então, os quatro operários do Astral (que na Umbanda são chamados de exus) afastaram-se, levando o obsessivo. Enquanto faziam isso, gargalhavam abertamente. Parece que sabiam como eu

iria reagir à situação e, de certa forma, se divertiram com aquilo.

Despertei logo em seguida, como se ainda ouvisse aos homens. Mantinha vivo, em minha visão interna, o estranho quadro do transporte da entidade capturada. Fiquei na cama, por uns momentos, meditando no que acontecera e sentindo uma forte repulsa pela ideia que havia tido de acertar a cabeça do assediador imobilizado. Senti que eu fora testado, mas que passara no teste. Eu poderia ter me vingado daquele ser, que percebi que vinha me perseguindo já por um bom tempo. Felizmente, havia predominado o lado mais ponderado da minha alma e não cometi aquela violência.

DATA: 1993

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Boa parte da humanidade tem uma tendência a julgar o seu semelhante e, não raras vezes, desejar fazer justiça com suas próprias mãos. Em especial, nós que somos chamados “filhos de Xangô”, na Umbanda, temos essa forte característica de julgar os outros e desejar ardentemente que a justiça aconteça. Porém, exatamente por termos essas tendências espirituais, desde reencarnações anteriores, viemos nesta atual sob a tutela da Linha de Xangô, para que entendamos que a Justiça Maior só pode ser feita pelos Senhores do Carma, ou seja, espíritos que têm o equilíbrio e isenção necessários para exercer esta função.

RELATO 3 – A DESCIDA

Na época desta projeção, eu já era médium “incorporante” e participava de atividades de desobsessão. Portanto, o meu contato com energias mais densas havia se intensificado. Obviamente que isto se refletiria em minhas tarefas extracorpóreas.

Numa noite, após ter dormido profundamente, recordo-me de ter chegado num lugar nada amistoso, sem saber como. Aparentemente eu estava dentro de uma caverna, em cujo ambiente predominavam vibrações de desolamento e medo. Apesar disso, eu estava apenas um pouco tenso. Normalmente eu não permaneceria em um local como aquele por muito tempo, mas uma força me impelia para baixo. Eu descia rapidamente por estreitos caminhos de terra batida, que ladeavam

paredes de rocha, rumo aos subterrâneos da caverna. Havia uma iluminação fraca no lugar, que era realizada por tochas presas às paredes. Notei que algumas paredes haviam sido pintadas em tons de vermelho e preto.

Durante a descida, observei alguns esqueletos humanos presos às rochas, por correntes nos pulsos e tornozelos. Pude ver que um dos esqueletos, na realidade, era uma entidade aprisionada e vestida com uma roupa colante preta, sobre a qual estavam desenhados os ossos humanos. Aquilo parecia ser uma prisão em pleno Astral Inferior.

Após ter descido bastante, encontrei-me com um homem de bigode, cujos traços fisionômicos tipicamente nordestinos não me eram estranhos. Trajava roupas humildes, sendo uma calça social preta e surrada, bem como uma velha camisa de mangas curtas e de cor azul-claro. Para meu espanto, eu o conhecia! O problema era distinguir exatamente quem ele era, de onde eu o conhecia e de que época. A seguir, ele também demonstrou me reconhecer, falando apressadamente: “Você! Aqui!” O homem parecia não compreender que fosse possível eu chegar até aquele lugar. Estava visivelmente feliz com a minha presença ali. Eu sabia que seria útil para ele de alguma forma, mas não recordo o que pude fazer naquelas circunstâncias.

Despertei com um sentimento agradável, com uma intuição de que o ajudei. A viagem não havia sido das mais aprazíveis, porém teve uma finalidade positiva. Na pior das hipóteses, creio que tenha visitado um velho amigo que estava meio solitário naquele ambiente tão lúgubre.

DATA: 1995

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Esta experiência fora do corpo está associada à Umbanda por um motivo bastante simples. No Umbandismo, há várias linhas de trabalhadores espirituais que atuam no combate a forças negativas do Astral. Inclusive, quando necessário, há o aprisionamento de entidades desequilibradas ou francamente voltadas a prejudicar outros seres, até que possam ser esclarecidas e ajudadas de forma mais efetiva. Destaco, no caso relatado, que não sei como cheguei a tal caverna. Não era possível ver qualquer entidade ao meu lado, como aconteceu em outras ocasiões. Contudo, era bem perceptível uma presença espiritual que me impelia e sustentava, embora invisível, sendo esta entidade pertencente à corrente vibratória da Umbanda. Quando uma pessoa sai de seu corpo, carrega parte das bioenergias densas da matéria, o que nos difere dos guias e protetores espirituais

que, para se fazerem visíveis, precisam se densificar até o nosso nível. Naquele dia, o exu que me acompanhava não quis se fazer visível. Manteve-se num padrão mais sutil que o meu. Porém, se não fosse sua forte presença e determinação, provavelmente eu preferiria não descer através daquela caverna.

RELATO 4 – LUTA NO ASTRAL

Eu havia dormido no apartamento de um casal amigo. Lá tive uma experiência extracorpórea interessante, na qual tentava demover uma entidade de continuar realizando atividades de magia negra. Infelizmente, meus argumentos não foram fortes o suficiente.

Após adormecer, localizei-me em estranho local extrafísico, que apresentava uma superfície bastante pedregosa. Eu carregava um bastão longo e fino, com o qual me apoiava para subir e descer, através de pedras de diferentes tamanhos. Encontrei-me com um homem que vestia uma roupa negra aderente à superfície do corpo (semelhante a uma malha). Na roupa, se destacava um desenho de esqueleto humano completo em tom vermelho. Possuía ainda uma capa às costas e, na altura da cintura, haviam muitas dobras de tecido. Era uma figura realmente estranha e, embora não pudesse ver o seu rosto, que estava coberto com tecido onde havia o desenho de uma caveira, eu o conhecia de longa data. Ele era uma espécie de obsessivo, envolvido com magia negra desde várias vidas anteriores. Isto eu tinha em minha consciência e, em decorrência de nossa familiaridade desde épocas remotas, eu acreditava que poderia convencê-lo a desistir de praticar atos menos nobres.

Ele era agressivo e tentava me prender enquanto dialogávamos. Na verdade, quem falava mais era eu. A maioria de suas respostas eram investidas contra mim, ou simples negativas secas. A entidade queria que eu sumisse dali ou me puniria de algum jeito. No entanto, eu apresentava grande agilidade e, com apoio do bastão, saltava sobre as pedras, mantendo-me sempre a uma distância segura do indivíduo. Num dado momento, ele ficou mais aborrecido com a minha insistência, preferindo chamar um reforço por meio de um assobio agudo. Então, surgiu um homem vestido de forma semelhante a ele. Este segundo “homem-esqueleto” passou a me importunar e, juntamente ao primeiro, faziam manobras para me cercar e imobilizar. Tornei-me mais alerta ainda, porém não era fácil driblá-los. Assim, virei o bastão em direção à segunda entidade, que estava próxima demais de mim e, para minha surpresa, percebi que surgira uma ponta de lança no final do bastão (com certeza algum amparador estava me auxiliando na situação). Dei estocadas no ar para

que se afastasse. No entanto, ele não se intimidou e, num gesto rápido, trespassei a ponta entre duas costelas dele. Quando percebi que a ponta entrava, tive pena e afrouxei o golpe para que a ponta não entrasse toda. Mesmo assim, ele tombou sobre as pedras (todo o lugar era pedregoso e muito irregular).

A primeira entidade ficou revoltada e disse: “Agora é que eu vou dar um jeito em você!” Logo a seguir, ele pôs a mão por baixo das dobras do tecido de sua roupa, na cintura, e pegou um saco de pano. Rapidamente, de dentro dele, retirou um pó. Saltei para trás para evitar ao ataque, mas ele já estava próximo, acertando-me um punhado do pó na altura do peito. Imediatamente voltei ao Plano Físico. Acordei com uma coceira enorme por todo o corpo. Tomei um banho em seguida, mas a coceira ainda perdurou por cerca de uma hora. De alguma maneira, a substância astral que ele me atirara, afetou-me perispiritualmente, o que se refletiu por um tempo no meu corpo material. É possível dar um outro tipo de interpretação para o fato, podendo-se compreender que o ataque da entidade afetara-me psiquicamente e eu teria somatizado o problema no físico por um período curto. Ainda posso formular uma terceira hipótese, que combina as duas anteriores, pois não há nada que impeça que os dois motivos ocorram conjuntamente. No entanto, o que mais importou, é que ali eu começava a perceber o quanto é difícil trabalhar espiritualmente, quando a questão é relacionada à magia negra.

DATA: 1997

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Nesta viagem astral, também não pude ver se estava acompanhado por algum guia ou protetor. No entanto, percebia-me com habilidades maiores do que possuo no ambiente terreno. Quando aconteceu a plasmagem de uma ponta de lança no bastão que eu portava, sem a interferência da minha mente no processo, ficou notória a presença de uma entidade a nível mais sutil. Este ser possivelmente era um trabalhador espiritual da Linha de Ogum, pois a lança é um de seus instrumentos simbólicos. Um esclarecimento necessário, a quem não está acostumado a experiências extracorpóreas ou ainda não leu obras espíritas/espiritualistas, é que desencarnados podem sofrer no Plano Astral, como se estivessem no Mundo Terreno, se ainda estão condicionados mentalmente às sensações físicas como fome, sede etc. Inclusive podem sentir dor, como neste caso da lança que utilizei, principalmente se a densidade vibratória do instrumento era a mesma da entidade desequilibrada.

RELATO 5 – A VIAGEM PIONEIRA

Quando eu retornava do meu trabalho para casa, num determinado dia, tive uma intuição de que iria ter sucesso em me projetar conscientemente naquela noite. Perguntei-me interiormente se isto já seria possível, pois eu estava usando a “Técnica da Esfera Dourada” por pouco tempo (menos que uma semana). Duvidei um pouco daquela intuição, mas mantive-me aberto para a possibilidade.

Fui deitar às 10:00 horas da noite e iniciei imediatamente um relaxamento, através de algumas respirações profundas, mantendo-me deitado de barriga para cima (decúbito dorsal), completamente imóvel. Depois de cerca de três minutos, idealizei uma esfera dourada, de tamanho um pouco menor que uma bola de futebol, fazendo-a movimentar-se no contorno externo do meu corpo físico. A trajetória dela iniciava-se pelo alto da cabeça, descendo pelo braço esquerdo até os pés e, em seguida, subindo pela perna direita até o alto da cabeça novamente. Mentalizei este movimento circular por inúmeras vezes, aumentando a velocidade da esfera, de forma a “energizar” o corpo astral e liberá-lo do veículo físico. Depois de alguns minutos praticando este exercício, comecei a sentir alguns sintomas projetivos, tais como formigamento em vários pontos da pele e sensação de flutuação, dentre outros. Contudo, após um bom tempo, não conseguia decolar. No entanto, eu já estava satisfeito por ter conseguido atingir as percepções, que eram citadas por projetores experientes que eu acessara através da Internet. Desta maneira, resolvi me mexer e ver que horas estavam marcadas no relógio da minha mesa, próxima à cama. Observei que eram 11:00 horas, ou seja, eu estivera me exercitando por uma hora seguida. Fiquei feliz pela minha persistência e resolvi dormir, para, na noite seguinte, novamente tentar sair conscientemente do corpo, através da técnica descrita.

Para minha surpresa, minutos após a desistência de fazer a viagem astral, o meu corpo ainda apresentava os sintomas projetivos mencionados. Além disso não conseguia dormir, conforme, agora, eu tencionava. Então fiquei ali parado, ainda em decúbito dorsal, esperando o sono chegar. Repentinamente, de olhos fechados, tive uma nítida visão de um braço flutuando, bem em frente ao meu rosto. Pensei: “Que braço é este? Será que é meu?” Em seguida, tentei virar aquela mão e notei que obedecia ao meu comando mental. Meu braço astral direito estava fora do corpo! Então, aproximei a mão astral um pouco mais, abrindo bem os dedos para examiná-los melhor. Notei que era meio transparente e, a seguir, percebi que surgia uma luminosidade vermelha brilhante entre os dedos, na inserção deles com a palma da mão. Fiquei maravilhado com as luzes

em expansão e, de repente, perdi a lucidez. Houve um lapso de memória e, na sequência, recobri a consciência junto a um amparador. Provavelmente ele me deu uma ajuda extra para que saísse do corpo, embora eu tivesse me esforçado bastante para fazê-lo por minha própria conta.

O amparador era um homem de porte atlético e com cerca de dois metros de altura. Era nórdico e, por isso, de pele clara e cabelos loiros. Trajava apenas uma bermuda escura e comprida, até quase os joelhos, estando descalço e sem camisa. Apresentava-se muito sério e olhava apenas para a frente. Ambos flutuávamos sobre uma estrada que ladeava uma montanha, que estava à direita. Já à esquerda da estrada, havia uma ribanceira que morria no mar. O lugar era bonito e o céu estava azul. Como eu dizia, flutuávamos, porém não de forma livre, pois estávamos de pé sobre uma rocha achatada que nos servia de base. Aquela estrutura de “matéria astral”, provavelmente plasmada pelo amparador, funcionava como um “veículo” e nos levava a algum lugar por aquele caminho.

No entanto, eu estava tenso. Havia algum problema ou animosidade no ar. Logo surgiram pedras e um tronco rolando pela montanha, de forma que, caindo à nossa frente, interrompia a passagem. Expressei ao guia sobre o meu desconforto de estar ali, através de pensamentos. Ele não olhou para mim, mas senti a sua resposta mental eclodir dentro da minha cabeça: “É necessário que prossigamos.” Com ele ainda olhando fixamente para a frente, continuamos o nosso movimento pelo ar até os obstáculos, que haviam sido empurrados por um grupo de entidades lá do alto da montanha. Não pude vê-los com detalhes, mas, com certeza, estavam bem aborrecidos com a nossa presença naquele lugar. A seguir, contornamos os entulhos que barravam a estrada e prosseguimos em nossa marcha. Mais à frente, atiraram mais pedras e paus no caminho e ouvimos uma gritaria de revolta, para nos intimidar. Mentalmente apelei para o amparador que seria melhor voltarmos. Logo após, surgiram três desencarnados que corriam desesperados pela estrada, em nossa direção, fugindo de algo. Eles estavam com as vestes rasgadas e apresentavam-se um pouco feridos. Nos pediram ajuda e se queixaram das agressões sofridas. Neste momento, o guia olhou-me de frente e emitiu uma resposta mental: “Está entendendo agora por que devemos continuar?” Permaneci quieto, conformado com a situação.

Em seguida, prosseguimos flutuando em frente até o cerne de alguma confusão. No entanto, infelizmente não pude rememorar o que aconteceu depois. Despertei pela manhã com a nítida memória do que relatei acima, porém o desfecho da tarefa caiu no esquecimento. Contudo, fiquei muito feliz por esta primeira experiência em que colaborei, ativamente, para promover uma saída consciente do corpo material.

DATA: 1998

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

A princípio, explico melhor o título deste relato, “A viagem pioneira”, pois se refere a primeira experiência extracorpórea intencional de minha parte, isto é, com o uso de uma técnica bioenergética específica. Anteriormente, eu só me projetava de maneira espontânea, ou seja, acontecia de forma aleatória ou com a exclusiva ajuda de guias espirituais. Quanto à entidade que me acompanhava, pertence à corrente umbandista. Ele era, ao mesmo tempo, sereno e determinado. Plasmou uma rocha flutuante, o que me leva a crer que trabalhe dentro da Linha de Xangô. O curioso é que se apresentou com a aparência de alguém que viveu no norte da Europa, em vida material passada, demonstrando que dentro da Umbanda se agregam seres de diversas origens.

RELATO 6 – O DEFORMADO

A partir deste relato, resolvi, na época, escrever todas as experiências extracorpóreas que vinha tendo. Eu começava a entender, que deveria compartilhar minhas vivências no Astral com as pessoas interessadas. Desta forma, recuperei de memória todas as viagens astrais anteriores, pondo-as no papel, e, desta em diante, anotava-as assim que despertava, sendo à noite, de madrugada ou pela manhã.

Naquela noite, eu fora deitar-me um pouco cansado. Resolvi apenas fazer um exercício de relaxamento, sem desejar projetar-me. Visualizei que minha cama estava forrada de folhas e ervas, para impregnar-me da cor verde, que na cromoterapia funciona de forma geral como vibração de limpeza, curativa e regeneradora. Fiquei longo tempo sem dormir, mas, no entanto, senti-me bem fazendo o citado exercício, até que perdi a consciência.

Após minutos ou horas, não é possível definir, passei a ter um sonho comum. Eu estava assistindo à televisão, quando bateram à porta do apartamento. Fui atender e era um casal de amparadores, que eu conhecia bem, pois atuavam com frequência nas minhas atividades mediúnicas. A partir deste ponto, recobrei a lucidez. Desci as escadas do prédio com a entidade feminina (uma mulher de cabelos loiros e olhos claros) e a masculina (um homem de estatura média, pele morena e porte atlético), sendo que a mulher ficou a minha direita e o homem caminhava a minha esquerda. Saímos do prédio e atingimos a rua em que eu morava, uma ladeira suave. Descemos a via juntos, como se eles estivessem me escoltando, pois eu permanecia entre

eles. Estava feliz por estar com os dois, pois admirava o trabalho que eles desenvolviam no Astral Inferior. Nada conversamos no caminho, pois sentia um pouco de dificuldade de me manter lúcido. Acredito que eles estavam me sustentando energeticamente, para que eu mantivesse um mínimo de lucidez.

Então chegamos ao nosso destino, que era a esquina da rua, onde nos aguardavam diversas pessoas, dentre elas o meu irmão projetado e um guia oriental (possivelmente de origem chinesa). A seguir, perdi a lucidez, pois passei a enxergar diversas imagens tipicamente oníricas. Um pouco depois, quando recobrei o raciocínio, já não estávamos mais na via pública, e sim num recinto fechado. O lugar parecia um velho depósito de escola ou algo parecido, pois estava repleto de cadeiras e mesas, empilhadas de forma um tanto desorganizada. O ambiente era mal iluminado e havia bastante poeira sobre os móveis e pelo chão.

Eu não sabia o que estava fazendo ali, quando ouvi alguém falar: “Ali, debaixo da mesa, há uma coisa ruim!” Então, foram retiradas umas cadeiras e outros objetos, até que todos os presentes (éramos 15 a 20 pessoas) puderam ver, debaixo da grande mesa, uma extensa massa disforme e escura. Esta massa, em seguida, flutuou lentamente para a frente, em nossa direção. Era algo semelhante a uma nuvem cinzenta, bem escura. Automaticamente, todos nós estendemos os braços para a frente, espalmando as mãos, e irradiando energia sobre “aquilo”. Percebi que a nossa função ali era a de “agentes de limpeza”. Estávamos higienizando algum local. Entendi que a maioria das pessoas ali eram encarnados projetados, como eu. Em certo momento, olhei para trás e vi o amparador oriental com mais detalhamento. Ele estava na retaguarda do nosso grupo de irradiação, flutuando a cerca de quatro metros de altura, como se estivesse coordenando o trabalho. Ele vestia uma longa túnica, até os pés, que tinha cor predominante amarela, embora eu pudesse divisar alguns matizes brancos e dourados. Seu rosto era fino e comprido, os olhos eram bem oblíquos, e possuía um cavanhaque e bigode grisalhos e longos.

De repente, eu retornei a meu quarto, mas não me reacoplei corretamente ao corpo físico. Estava em catalepsia projetiva (o veículo astral descoincidia do corpo físico). Pude notar, à esquerda da minha cama, um ser estranho que apenas lembrava vagamente uma forma humana. Seu tórax e abdome pareciam um tronco de árvore úmido, de cor escura, enquanto que os braços pareciam galhos. Não pude perceber a cabeça e as pernas, pois havia uma “nebulosidade” nessas regiões. No entanto, observei que estava coberto por estruturas pendentes, como cipós. Se movia muito lentamente, dando a impressão de que tinha enorme dificuldade de fazê-lo. Produzia sons semelhantes a gemidos, seguidos por ecos. Da cama, estiquei meus braços astrais na direção da entidade para emitir energia, apesar do susto que levava ao vislumbrá-la. Enquanto eu fazia isto,

mentalmente realizava orações.

Num dado momento, senti medo e, assim, emanei pensamentos de repulsão quanto àquele ser. Ele, de alguma forma, captou meus sentimentos e reagiu desajeitadamente. Começou a se virar lentamente para me dar as costas e partir dali, quando assinaliei que ele tinha uma longa cauda, rígida e semelhante a um ramo de árvore. Logo arrependi-me do que sentira, compreendendo que eu não poderia permitir a sua evasão. Assim, estiquei ao máximo um dos meus braços astrais (também chamados de “parabraços”) e segurei-o. Ele instantaneamente cedeu ao meu toque, ficando por mais um tempo, passivamente, a receber a minha irradiação, até que a sua imagem começou a sumir de minhas retinas espirituais.

Como não podia mais vê-lo, relaxei. Houve um reacoplamento natural de meu corpo sutil ao físico. Pude mover meus braços físicos e notei que todo o resto do meu envoltório material respondia aos meus comandos. Sentei-me na cama e ainda sentia um formigamento nos braços. Eram cinco horas da madrugada.

DATA: 27/02/1999

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Quando me deitei naquela noite e visualizei/mentalizei a minha cama forrada com folhas e ervas, provavelmente já era uma intuição para preparar-me com vistas ao trabalho no Astral. Um aspecto bem interessante, que não revelei à época, é que as duas entidades que vieram me buscar e me escotar, naquela oportunidade, eram uma dupla de exus: o Sr. Sete Encruzilhadas e a Sra. Maria Padilha. Trabalhei por muitos anos, mediunicamente, com o Sr. Sete. Hoje, um outro exu está em ação mais constante nos processos de incorporação. Mais à frente, no relato, ocorre a presença do mentor oriental (aparentemente chinês), demonstrando a integração de falanges espirituais de diferentes origens, dentro da corrente umbandista.

RELATO 7 – PEQUENA REUNIÃO DE TRABALHO

Estávamos reunidos, em um local desconhecido, para atrair e tentar encaminhar um desencarnado desequilibrado, que constantemente perturbava aquele ambiente. Era um lugar escuro, que me parecia ser uma pequena casa de apenas dois cômodos. Naquele momento, eu, o Néilson Vilhenna, a Tetê Souza e sua filha permanecíamos sentados no chão de um dos cômodos, em

concentração, como se estivéssemos à mesa de trabalhos do centro espírita, que era dirigido pelo Néelson.

Depois de um certo tempo, o Néelson sugeriu que terminássemos nossos esforços no outro cômodo. Porém, entrei em transe semiconsciente, permitindo que uma entidade desse uma orientação através da minha voz. O mentor nos explicou que deveríamos terminar o trabalho onde havíamos começado. Logo após esta mensagem, eu perdi a consciência.

Quando recobrei a lucidez, notei que ainda estava no Astral. Eu estivera dormindo ali mesmo e assinalei a presença da Tetê Souza nas proximidades, dormindo, deitada sobre o piso. Chamei-a e, quando ela despertou, indaguei se eu havia entrado em sonolência profunda antes da reunião acabar. Ela respondeu que eu havia “incorporado” um guia de Umbanda, que tratara de levar a entidade que andava perturbando aquele ambiente. A partir desse ponto, não recordo mais detalhes das atividades no Plano Astral, naquela noite.

Contudo, gostaria de aproveitar o ensejo e ressaltar a questão do uso da mediunidade também nos planos imateriais. Até então, eu vinha tendo algumas experiências extracorpóreas de lucidez limitada, em que percebi estar atuando mediunicamente no Mundo Astral. A princípio, achei aquilo estranho e acreditei que fossem reminiscências de minhas atividades mediúnicas no Plano Terreno, que, tendo ficado no meu inconsciente, estavam aflorando na forma de sonhos, por algum motivo. Mas, observei a continuidade e frequência significativa deste fenômeno, passando a meditar mais sobre ele, o que me levou a crer que seria possível sermos médiuns, mesmo quando projetados fora do nível físico. Eu compreendia que, enquanto projetados em planos sutis, nós, médiuns encarnados, ainda assim teríamos uma vibração energética mais “densa” do que os guias/amparadores e, desta maneira, poderíamos servir como canais para a manifestação deles. Com o tempo, fui encontrando literatura espiritualista que corroborava a minha hipótese. Por exemplo, no capítulo XXI do livro “Espiritismo e Psiquismo”, de Alberto de Souza Rocha, o autor coloca que *“pode o corpo fluídico desdobrado (“duplo”) servir a uma inteligência que por seu intermédio se manifeste”*. Também encontrei relatos na Internet de projetores que, uma vez estando no Astral, foram utilizados mediunicamente por orientadores desencarnados, o que, na época, deixou-me bastante satisfeito, pois não era apenas eu que passava pelo fenômeno. Pelo contrário, haviam projetores mais experientes, que já relatavam o fenômeno há algum tempo. Eu é que não tivera oportunidade de acessar aquelas informações anteriormente. Além disso tudo, lembrei que o livro “Libertação” (do espírito André Luiz, através de Chico Xavier) dizia algo a respeito de mediunidade nos mundos extrafísicos. Fui lá no capítulo 18 e conferi uma narrativa de materialização no Umbral de uma entidade feminina muito evoluída, através de um mentor também

desencarnado, porém não tão evoluído quanto ela. Ou seja, o livro descreve que um fenômeno mediúnico de materialização no Umbral ocorreu, às custas energéticas de um desencarnado, que serviu como médium! Então, concluí que se os espíritos que ainda possuem um corpo astral podem servir como médiuns, por quê nós encarnados projetados (que temos corpos astrais mais “densos” que os guias do Plano Astral) não poderíamos também atuarmos como médiuns no Mundo Extrafísico? Assim, dei por encerrada essa questão, não duvidando mais de que podemos exercer a mediunidade durante uma viagem astral.

DATA: 11/03/1999

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Quanto ao que toca ao Umbandismo, neste relato, destaco que a entidade que se manifestou através de mim, em pleno Mundo Astral, foi um caboclo muito atuante nas nossas sessões de “mesa de Umbanda”, à época. Ou seja, a entidade que vinha frequentemente nos trabalhos dirigidos pelo Néson Vilhenna, no Plano Material, também atuava “do outro lado”, em atividades complementares. Através deste relato, se confirma que o médium de Umbanda trabalha não apenas no dia em que a sessão acontece no Plano Físico, mas também antes dela ou até mesmo depois. É uma missão árdua, para a qual cada indivíduo, com afinidade ao Umbandismo, deve se preparar com muita disciplina.

RELATO 8 – APRISIONAMENTO DE ENTIDADES

Quanto a esta experiência fora do corpo que vou relatar, de início, recordo que estava em companhia de Tetê Souza. Ambos trajávamos roupas elegantes, mas de aspecto antigo. Eu usava um fraque negro, acompanhado de calças e cartola da mesma cor. Ela trajava um vestido longo e cheio de babados, também negro. Estávamos numa carruagem ricamente trabalhada, de cor marrom, que era dirigida por um cocheiro, do qual não lembro detalhes. Alguns cavalos movimentavam a carruagem, que internamente era toda forrada por belos tecidos até o teto. No entanto, o clima era de tensão, medo e expectativas.

Eu tinha consciência de que nós cumpríamos o papel de sermos “iscas”, para entidades desequilibradas daquela região do Astral. Invadíamos a área de atuação desses seres que eu sabia

terem plasmado, em si mesmos, aquela forma cinematográfica para vampiros, que eu e Tetê Souza imitávamos no que concernia às vestimentas. O plano era fazer com que eles percebessem a nossa intromissão e viessem defender o seu “território”, ao imaginarem que eu e Tetê desejassemos ocupar o lugar deles.

Como dizia, havia grande tensão em torno de nós. No entanto, a minha amiga, que no Plano Terreno era médium experiente, estava quase entrando em desespero. Eu conversava muito com ela, tentando acalmá-la, para que aquela operação tivesse sucesso. Pedia insistentemente para que ela se acalmasse e esperasse os acontecimentos, embora eu estivesse também receoso e assustado.

Repentinamente, surgiu na estrada uma mulher de vestido longo e negro, que ria como louca. Ela mantinha uma atitude desafiadora para conosco, enquanto a observávamos por uma das janelas da carruagem. Essa situação durou poucos instantes, pois apareceram 4 ou 5 homens fortes que, agrupando-se em torno dela, como se fossem objetos metálicos agregados a um ímã, trataram de levá-la de nossas vistas muito rapidamente. Foi uma cena curiosíssima, pois após formarem uma barreira compacta em volta da entidade feminina, a levaram de forma quase instantânea (realizaram um tipo de flutuação muito veloz, carregando a mulher para longe).

Aproveitei o acontecimento e disse para a Tetê Souza: “Viu, vai dar tudo certo!” Ela ficou quieta, mas com uma expressão ainda bastante tensa. Depois de alguns momentos rodando pela estrada, surgiu o “maioral” do lugar. Era um desencarnado vestido todo de preto (usava fraque, calças, cartola e capa), gargalhando de forma rude e agressiva, barrando a nossa passagem, no meio da estrada. Nele era possível enxergar, com maior nitidez do que na mulher, que possuía dentes caninos bem avantajados, à moda dos vampiros do cinema. Da mesma forma como antes, esta entidade também foi capturada. Entretanto, ainda pude ouvir ele gritando que se vingaria, enquanto era carregado pelos “operários espirituais” que ali trabalhavam.

Despertei um pouco agitado, observando que era uma hora e mais quinze minutos da madrugada. Depois, com mais calma, durante o dia, rememorei tudo o que havia experienciado no Astral, recordando alguns livros espíritas que eu lera no passado. Pude constatar, de forma muito vívida, a realidade de entidades em elevado grau de perturbação no Umbral. Possivelmente, elas foram levadas para instituições espirituais que funcionavam ao mesmo tempo como hospital, manicômio e prisão.

DATA: Março de 1999

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Nesta experiência fora do corpo, ficou evidente uma forma de atuação dos exus, aos quais chamei de “operários espirituais”, neste relato. Os exus, dentre outras tarefas, realizam aprisionamento de seres em desequilíbrio (também denominados quiumbas ou obsessores) no Astral Inferior. Sem este patrulhamento e ação constantes, a vida no Plano Terreno seria ainda mais difícil, pela maior influência dos obsessores sobre nós, encarnados.

RELATO 9 – VIAGEM A SÃO PAULO

Esta projeção astral começou a partir de um estado de pouca lucidez. Eu estava projetado na sala do antigo apartamento de meus pais, entremeando momentos de imagens oníricas com lucidez. Quando comecei a prestar atenção na estátua do Cristo Redentor, que é possível ver pela janela, fui transportado automaticamente para o alto de um morro que desconheço. Com certeza, algum amparador me levou para aquela montanha, sem qualquer participação da minha vontade.

Ali, na beira do precipício e com uma belíssima paisagem a minha frente, atingi um elevado grau de consciência. Olhei para um dos meus lados e notei a presença de um homem, que estava a cerca de 12 metros de distância, também à beira do precipício. Não pude ver detalhes de sua fisionomia, mas o reconheci rapidamente como um amigo espiritual. Isto é muito interessante! No Plano Astral, convivo com vários seres que sinto conhecer de longa data, mas a consciência de minha personalidade atual não consegue a identificação dessas pessoas. Entretanto, isto é compreensível já que são espíritos com quem lidamos em outras vidas, não fazendo parte objetivamente da atual experiência terrena. No entanto, ressalto que é um sentimento de ambiguidade muito curioso: conhecer, mas não identificar!

Retornando ao relato, logo que olhei para o amparador ou guia, entendi telepaticamente que eu poderia alçar voo dali com facilidade, bastando, para isso, usar das minhas faculdades de espírito liberto momentaneamente da matéria. Fiz para ele um pequeno sinal de positivo com a minha cabeça, firmei meu olhar no vazio e, por fim, estiquei meu tórax para a frente, mergulhando no espaço. Desci numa trajetória parabólica, tornando a subir em alta velocidade. Eu comandava o voo com a força de minha mente, mas, durante um tempo, pude perceber a companhia do

amparador a uma certa distância (pouco mais de dez metros).

A duração do voo se estendeu consideravelmente, funcionando como um excelente treino. Estava tão focado em fazer manobras e ganhar confiança, que não registrei mais a presença do meu amigo espiritual. Às vezes, sentia receios da altura em que estava, mas logo bloqueava esses pensamentos, concentrando-me no voo e dizendo, para mim mesmo, que ali eu não podia sofrer devido a uma queda. Lá embaixo, era possível divisar casas e árvores bem pequenas, em decorrência da altitude.

Após longo tempo, vi no horizonte surgir uma cidade. Resolvi descer e me aproximar dela. Tive a intuição de que eu estava no interior do Estado de São Paulo. Na paisagem predominavam casas, havendo poucos prédios. Não era uma grande aglomeração humana. Na realidade, creio que o amparador devia estar por perto de forma invisível, guiando-me a um certo lugar. Era uma casa bem grande e, no telhado dela, reuniam-se quatro moças (adolescentes) que estavam projetadas. Automaticamente entendi toda a situação. Elas estavam trocando informações sobre “bruxaria”, mais especificamente “magia sexual”. Observei-as do alto e, ao me aproximar mais, notei que riam muito. Senti que deveria tentar dialogar com elas, talvez explicando que aquela maneira não era a melhor para conseguirem namorados.

Então, desci flutuando lentamente até a frente do semicírculo formado por elas, sentadas no largo telhado de cerâmica avermelhada. Passei a falar com elas para evitar aquele tipo de atividade, pois não era algo positivo. Elas olharam-me rapidamente, sem sustos, mas ignoraram por completo minha argumentação, tornando a conversarem entre si, como se eu não estivesse ali. Aborreci-me com a atitude delas e agi por impulsividade. Ameacei-as, dizendo que se não parassem com o que pretendiam, eu iria assustá-las enquanto dormiam. Disse também que iria “puxar o pé delas” durante o sono. Como a minha atitude repressora não surtiu efeito, subi cerca de cem metros e desci, dando um voo rasante na direção do grupo de moças, enquanto gargalhava em tom alto. Elas sumiram quando cheguei muito próximo. Eu acabara de passar do ponto onde elas estavam e tornei a subir, formando uma longa parábola no céu. Sabia que as moças tinham retornado abruptamente aos seus corpos físicos. Eu não estava satisfeito com a minha atuação naquele caso, mas também não estava arrependido. Infelizmente, elas provavelmente tornariam a se encontrar com as mesmas intenções anteriores, apesar do susto que eu dera nelas.

Quando cheguei a elevada altitude, resolvi retornar para casa. Sabia que estava no interior de São Paulo e raciocinei que deveria achar alguma grande estrada e segui-la, pelo alto, na direção certa para o Rio de Janeiro. Este raciocínio é típico de alguém que ainda tem pouca experiência em viagens astrais, o que era o meu caso na época. Bastaria mentalizar o meu corpo

físico na cama, que eu retornaria sem maiores dificuldades.

Depois de um certo tempo, senti-me perdido. Realmente eu achara uma grande estrada e seguira por ela, tendo chegado a uma outra cidade, maior que a anterior. Mas, claramente, não estava no Rio de Janeiro. Aterrizei no alto de um prédio, que provavelmente era um hotel, com cerca de dez andares. Eu estava muito lúcido, mas, agora, tinha que lutar contra a minha personalidade encarnada, que teimava em predominar, produzindo uma insegurança quanto a voar e quanto a não encontrar o caminho de volta. Aproximei-me da beirada do telhado do prédio e temi lançar-me ao espaço. Olhei para baixo e descí para uma varanda do último andar, sentando no chão, acreditando que alguém viria me buscar. Logo aborreci-me em ter que ficar esperando, pois percebi que já estava amanhecendo e precisava voltar. Com este pensamento angustiante e repetitivo de que “precisava voltar”, acabei despertando no corpo material. Rapidamente olhei para o relógio, à cabeceira da cama, que marcava 6:00 h da manhã. Olhei pela janela e vi, satisfeito, que a cor do céu era a mesma que eu vira lá no Astral e, de fato, estava amanhecendo. Eu estivera projetado numa dimensão bem próxima à vibração terrena e, por isso, havia boa coincidência entre os dois “ambientes”.

DATA: 23/03/1999

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Esta viagem astral evidenciou a presença de um exu, a entidade que vi no início da experiência, bem como durante certo período do voo extrafísico. E por que posso afirmar que era um exu? Por dois motivos. O primeiro é que ele me induziu a encontrar aquelas moças projetadas, que estavam trocando informações sobre magia sexual, algo combatido pelos verdadeiros exus. Em segundo lugar, sei que era um exu, pois, quase ao final da vivência, entrei numa espécie de transe, quando descí sobre elas gargalhando. Ali houve uma influência marcante do guardião, para desfazer a reunião delas em pleno Mundo Astral. Aliás, é bem interessante que ele tenha se feito visível para mim em alguns momentos, para me dar confiança, mas simplesmente sumiu (tornou-se menos denso vibratoriamente) para que eu agisse sem maior dependência de sua presença visível. As entidades positivas, que labutam no Plano Extrafísico, desejam que tenhamos boa dose de iniciativa, vencendo os próprios receios. E por isso, na última parte desta projeção, deixou-me aparentemente só para retornar ao corpo material. Ele sabia que eu encontraria um meio para isso, permitindo um aprendizado prático importante para mim, que era um projetor inexperiente à época.

RELATO 10 – DIVERSÃO NO MAR

Às vezes as viagens astrais nos permitem um passeio de diversão, ou refazimento de energias em locais agradáveis. Foi o que aconteceu comigo naquele dia.

Após um sono profundo, acordei às 5:00 h da madrugada, em decorrência do meu estômago estar “reclamando”. Levantei e comi uns biscoitos, tomando um pouco de água em seguida e, por fim, escovando os dentes. Como estava frio, resolvi voltar para a cama. Deitei-me de lado e me cobri, porém o sono já não era forte. Pensei que seria bom sair do corpo naquela oportunidade. Realizei um exercício projetivo e fiquei meio entorpecido por cerca de 30 minutos. Depois de permanecer neste estado de transição, perdi a consciência.

Quando despertei no Mundo Astral, eu já me encontrava dentro do mar. Algum amparador provavelmente me levara até lá, para que me recuperasse das energias despendidas no intenso trabalho mediúnico, que realizava naquela época. A água estava muito azul e clara. Havia inúmeros raios solares penetrando no mar. Eu devia estar próximo da costa, pois a distância do leito até a superfície não era grande. Via muitos peixes de vários tipos, tamanhos e cores. Tudo era um lindo espetáculo.

Mais à frente, reparei que ali transitavam dois homens bem altos e uniformizados (pareciam ser militares), com roupas em tom bege. Usavam chapéus com abas médias, cujo encaixe para a cabeça era arredondado. Percebi que eles avançavam, distanciando-se de mim. Resolvi, então, segui-los. Senti-me bastante familiarizado com eles. Pude aproximar-me deles com facilidade, pois eu me locomovia ali com grande desenvoltura. Parecia muito mais que eu voava do que nadava, pois a água não oferecia resistência. Um quase sentimento de euforia predominava em meu ser. Então, distraí-me com um grande peixe prateado, que me olhava como se estivesse espantado.

A seguir, voltei novamente a minha atenção para as entidades masculinas, que aparentemente atuavam como guardiães do lugar. Como eu estava entusiasmado com a experiência e tinha uma intuição de que conhecia os dois seres, cheguei mais perto da dupla e retirei, de supetão, o chapéu de um deles. Ato contínuo, pus o objeto na minha cabeça, percebendo como aquelas entidades possuíam um corpo astral bem maior do que o meu, pois eu podia balançar o chapéu no meu crânio com facilidade (minha cabeça teria que ser mais ou menos 50% maior para encaixar corretamente no chapéu). Cheguei a comentar mentalmente para mim: “É! Eles são muito

grandes mesmo!” Em seguida, retornei ao corpo material, ainda com as cenas bem vívidas na minha tela mental.

DATA: 24/05/1999

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Conforme eu coloquei no relato, esta experiência extracorpórea foi para refazimento de minhas bioenergias. O que era curioso, naquela situação, é que eu me sentia como uma criança e, em determinado momento agi como tal, retirando o chapéu de uma das entidades-sentinela do lugar. E fico até hoje me perguntando, quem me levou até o mar. Desconfio que foi algum espírito da Linha das Crianças, ligado vibratoriamente à Iemanjá, e que me influenciava sutilmente, pois não o via. Quanto aos seres que aparentemente patrulhavam o lugar, tinham suas formas perispirituais bem expandidas, refletindo provavelmente a energia necessária para exercer funções como guardiões. Eu já tinha ouvido que algumas entidades da corrente umbandista apresentam-se desta maneira no Astral, mas nunca tivera a oportunidade de constatar isto antes.

RELATO 11 – DELINQUENTES DO ASTRAL

Nesta projeção, recorde-me de estar caminhando à beira-mar, indo-me ao encontro de um agrupamento de espíritos delinquentes. Após encontrar-me com o chefe do grupo, que lidava com drogas e prostituição no mundo extrafísico, apresentei-me como “candidato” a integrar a sua organização. Eu tinha em mente me infiltrar nas suas atividades, de forma a atrapalhar a atuação deles ou, até mesmo, contribuir para a desintegração da “quadrilha astral”. Nessas situações, é fundamental um autocontrole mental para que as entidades do Astral Inferior não percebam o que de fato pensamos. No entanto, o chefe do grupo disse-me que eu seria testado. Ele era um ser desconfiado, embora estivesse interessado em arrebatar mais colaboradores. A seguir, entendi que eu deveria acompanhar a ele e a alguns capangas, dentro de uma espécie de furgão. Fomos até uma casa de madeira simples, situada nas areias de uma praia deserta.

Dentro da casa, revelei que não estava mais interessado em ajudá-los, informando que desejava ir embora. O líder do bando demonstrou aborrecimento, mas não parecia estar muito surpreso. Então, disse que eu deveria lutar com cada um de seus subordinados. O primeiro deles,

que logo se adiantou, era um nordestino que tinha cabelos apenas nas laterais da cabeça, parecendo serem pintados num tom ruivo. Ele era forte e estava sem camisa, tendo um olhar feroz. Eu permanecia frio e confiante, a cerca de três metros de distância do potencial agressor. Quando ele avançou mais, paralisei-o com um gesto dos meus braços astrais, estendidos para a frente, com as mãos espalmadas, sem tocá-lo. Através de um comando energético que emiti com meus braços, fiz com que o desencarnado cruzasse os seus braços sobre o peito, ficando tolhido por completo. Logo após, vibrei uma energia de repulsão sobre a entidade, que deu uma cambalhota para trás, caindo estrondosamente sobre um monte de caixotes, que estavam num dos cantos da casa.

Os homens da quadrilha espantaram-se, mas preferiram menosprezar o companheiro abatido. Entretanto, um deles disse: “Poxa, venceu sem tocar nele!” Em seguida um outro, de cabelos lisos e negros, adiantou-se. Com este não consegui usar o mesmo processo, devido a sua agilidade. Tive que entrar em “luta corporal”, mas venci o combate rapidamente, após atirá-lo sobre outra parede da casa de madeira. Eu mantinha-me aparentemente frio quanto à situação, embora intimamente estivesse um pouco preocupado, principalmente com um chinês enorme que me olhava com ódio, na espera de sua chance em me atacar. Logo em seguida despertei no Plano Físico, possivelmente por estar num ambiente de tensão, somando-se a uma redução no meu grau de autoconfiança. É interessante observar que, em algumas oportunidades, travamos verdadeiras lutas no Astral, onde não é difícil sairmos vitoriosos, pois contamos com a energia “densa” do corpo material para tais feitos. Os desencarnados não possuem esta “energia extra”, daí não obterem sucesso nessas contendas, a não ser que nos deixemos intimidar psiquicamente. No entanto, gostaria de enfatizar que este tipo de experiência extracorpórea é relativamente comum, sobretudo entre projetores que tenham alguma afinidade/missão na Corrente Espiritual de Umbanda. Esta linha de trabalho tem como uma de suas tarefas a contenção/transmutação de energias astrais deletérias.

DATA: 24/09/1999

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Nesta ocasião, muito provavelmente eu não estava só, porque a frieza com a qual eu atuava não é muito do meu jeito de ser. Compreendo que, ali, de forma mais sutil, me influenciava algum guardião de Umbanda. Possivelmente, o embate com os componentes da “quadrilha astral” terminou prematuramente, porque eu me desequilibrei, perdendo a conexão com o amparo espiritual que vinha tendo. E neste contexto, retornei ao corpo material. No entanto, como naquela época eu

trabalhava intensivamente em “descarregos” e processos desobsessivos, dentro do Umbandismo, aquela minha atividade no Astral deve ter colaborado em algum caso específico, que não recordo mais, ou não pude identificar adequadamente à época. O fato é que os exus, junto com alguns de seus médiuns, tanto numa sessão de terreiro, como nas regiões umbralinas (submundo astral), fazem este tipo de atividade policialesca. Isso é mais comum do que se imagina. O problema é que o médium umbandista, no geral, não atenta para a questão da projeção astral, deixando de desenvolver lucidez no Mundo Extrafísico e/ou deixando também de incrementar sua capacidade de se lembrar o que realizou “do outro lado”.

RELATO 12 – APRENDIZADO E AVISO

Já era tarde, quase meia-noite, quando coloquei para tocar um CD de mantras indianos, no intuito de relaxar e dormir. Não tencionava me projetar. No entanto, poucos momentos depois que deitei, senti o lado esquerdo do meu corpo (braço, tórax e rosto) “formigarem” com intensidade significativa. Era um EV (estado vibracional) espontâneo. Ignorei o fato e busquei apenas descansar, acabando por pegar no sono. Depois de um tempo indefinível, embora não tenha saído lucidamente do corpo, recobrei a consciência no Astral. Eu estava caminhando serenamente numa orla marítima, sem maiores preocupações. Após um lapso de memória, recordo que já estava num outro ambiente, acompanhado por uma senhora de meia idade, muito agradável, de pele branca e curtos cabelos negros bem-arrumados, sendo ela ligeiramente rechonchuda. Sua energia era acolhedora e maternal, demonstrando também sabedoria e serenidade. O lugar era uma cidadela muito bem cuidada, com muitas casas e jardins bonitos, mas sóbrios. Caminhávamos por uma avenida, e sabia que ela me conduzia para eu conhecer algo diferente. Estava um pouco curioso, mas caminhava com ela sem ansiedade, provavelmente influenciado pelo bom “clima” do ambiente. Após pouco tempo, chegamos numa casa de um pavimento. Já na porta, pude sentir uma atmosfera mais sutil, saturada com energias superiores. Entrei seguindo-a e percebi que estávamos numa ampla sala, onde haviam vários médiuns, muito concentrados, em franco trabalho de psicografia. Por isso mantive-me em silêncio, procurando não atrapalhar de maneira nenhuma. Em seguida, senti a presença de alguém na retaguarda. Olhei para trás e notei que, na porta de entrada entreaberta, acabava de aparecer uma entidade da Corrente Astral da Umbanda, que se manifestava corriqueiramente através da minha mediunidade, no Plano Terreno. Ele apenas observou-nos, mas não adentrou a sala. Será que fora ele que provocara esta experiência extrafísica? Seria bem possível, pois eu não realizara nenhum exercício intencional para projetar-me. Mas, voltando ao

relato, a amparadora que me levava até aquele recinto, agora me passava esclarecimentos de forma telepática. Mostrou-me muitos livros bem espessos, encadernados em capa dura, explicando-me que eram códigos de leis. Cada código era composto por vários volumes. A obra que estava sendo psicografada era tão complexa e difícil de se realizar, que cada médium presente tinha a missão de escrever somente um volume. Portanto, a obra seria resultante de um trabalho coletivo. Entendi também, que os médiuns eram desencarnados, e recebiam as informações através de uma conexão telepática com legisladores mais evoluídos, que habitavam em dimensão mais sutil. Eu estava observando a mediunidade em ação, em pleno Mundo Astral. Aquele trabalho já estava em andamento há algum tempo, e, por isso, já haviam alguns volumes prontos, conforme assinalei antes. Vislumbrando a cena como um todo, por um momento, senti-me bastante pequeno em termos de capacidade mediúnica. A comparação foi inevitável para mim, e concluí que havia um grande caminho de aperfeiçoamento a trilhar.

Em seguida, a amparadora nos conduziu para fora daquele lugar. Voltamos a caminhar por larga avenida, enquanto ela me passava novas informações. Agora ela colocava que eu estava sendo preparado para “incorporar”, no centro onde trabalhava, no Plano Terreno, dois seres em profundo desequilíbrio. Logo que ela assinalou esta tarefa futura, tive uma vidência. Apareceu-me a imagem detalhada, e em cores, da fisionomia de uma das entidades que se manifestaria através da minha pessoa: seu rosto tinha uma aparência de lagarto. A imagem logo sumiu, mas espantou-me, pelo grau de alteração perispiritual, que provavelmente correspondia a uma forma distante do pensar e sentir comuns de um ser humano, que ele, na realidade, era. Que decepções e ódios ele teria alimentado por longo tempo, para chegar àquela forma? Eram essas as divagações a que eu me deixara entregar, e que, pela reação vibratória da amparadora, confirmava o profundo problema daqueles seres que eu teria que ajudar na Terra. O que eu vira não era uma simples plasmagem astral, realizada por entidade habilidosa e zombeteira, mas sim uma forma perispiritual deformada, por longo tempo de desequilíbrio bem cultivado.

Depois de conversar mais um tempo com a amparadora, despertei no meu leito, sentindo-me muito bem. Havia uma expansão facilmente perceptível na altura do meu chacra cardíaco. Fui rememorando cada passagem daquela longa viagem astral, e, apesar do meu esforço, senti que perdi alguns detalhes. Após pôr no papel o que foi possível recordar, passei a meditar sobre aquela atividade psicográfica no Astral. Compreendi que aquelas leis que vinham de dimensões superiores, para aquele nível do Plano Astral, teriam como objetivo se materializar no Mundo Físico em alguma época, talvez aqui no Brasil. Imaginei que tarefa difícil seria a de transmitir leis mais bem elaboradas e completas aos nossos legisladores terrenos, já que a sintonia de boa parte deles não é

com a questão de uma justiça mais profunda. Por outro lado, talvez aqueles códigos sejam estudados por desencarnados que, futuramente, trariam a missão de materializá-los na Terra, quando por aqui reencarnassem. Também acabei por pensar que ambos os métodos poderiam ser utilizados, ou isto poderia ocorrer por alguma outra via. Aquilo era algo que escapava a minha compreensão...

Quanto ao aviso que recebera no Astral sobre o compromisso de ajudar àqueles dois seres através da mediunidade, apenas relato que, de fato, ocorreram as “incorporações”. Foi um trabalho com desgaste bioenergético intenso, mas de resultado satisfatório, até o ponto que pudemos perceber no grupo espiritualista.

DATA: 12/04/2001

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Esta experiência fora da matéria possui aspectos interessantes a destacar, quanto à Umbanda. A entidade que havia aparecido na porta de entrada do cômodo, onde se davam as psicografias, em pleno Mundo Astral, foi um erê: um menino negro, com idade aparentando cerca de sete anos, chamado Zequinha. Trabalho com este espírito há muitos anos no Plano Terreno e já me encontrei com ele, no Astral, algumas vezes. Para quem não sabe, as entidades da chamada “Linha das Crianças”, no geral, são espíritos que apenas usam uma forma de manifestação infantil, mas não são crianças de fato. São entidades com evolução espiritual bem avançada, em grande parte das vezes, bem conscientes de suas responsabilidades, mas que se apresentam como meninos e meninas, estrategicamente, para cumprirem melhor suas missões. Naquela ocasião, parece-me que Zequinha esteve envolvido em me levar até a mentora da vivência. Aliás, por este relato é possível notar a integração entre o que se pensa serem correntes espirituais diferentes e separadas no Plano Terreno. Isto é devido a uma certa ilusão e preconceitos que são cultivados aqui no Mundo Físico. No Plano Espiritual, quem tem entendimento e boa vontade trabalha integrado, ou seja, entidades com roupagem fluídica típica da Umbanda estão interagindo normalmente com espíritos que seriam denominados do “Kardecismo” ou de outras linhas de pensamento.

RELATO 13 – ÁREA DE SEXO LIVRE

Eram 11:30h da noite, quando resolvi dormir. Sentei-me na cama e tive uma intuição clara de que haveria uma tarefa a ser realizada no Astral. Como eu já estava relativamente acostumado a esses “avisos”, momentos antes de me entregar ao sono, não dei maior importância ao fato. Apenas pensei que seria interessante recordar as atividades fora do corpo, o quanto possível. Após deitar-me de fato, não houve tempo de realizar exercício projetivo, pois adormeci rapidamente.

Então, um tempo indefinível depois de ter dormido, encontrei-me numa região tipicamente umbralina, que se assemelhava a uma área comercial terrena, só que cheia de detritos pelas ruas. Eu estava acompanhado de uma mulher alta, cabelos longos e loiros, de traços faciais muito belos e corpo escultural. Ela trajava pouca roupa: uma espécie de tanga e a parte superior de um biquíni. Andávamos lado a lado, bem próximos um do outro, e recorro com nitidez de ter prestado atenção a três lojas baixas, em sequência, que vendiam verduras, legumes e peixes. A “energia” do ambiente era “pesada”. O chão era sujo de lama e restos de produtos alimentícios. À esquerda e à frente do aglomerado de lojas citadas, havia a entrada de uma larga galeria mal iluminada, para onde eu estava indo com a mulher. Eu tinha confiança nela, pois a reconhecia (este era mais um “reconhecimento” de entidades do Astral, que fazem parte da nossa egrégora de trabalho espiritual). Na realidade, eu estava tenso com a vibração daquele lugar, mas a entidade feminina me passava segurança. Eu sabia, de alguma forma, que ela conhecia bem o local, e, assim, ela funcionava como condutora naquela excursão, que estava longe de ser agradável.

Uma vez ao passar pela entrada da galeria, notei que a mesma era um túnel em declive. Estávamos adentrando uma via, em direção “subterrânea”. Não demorou muito e chegamos a uma área de sexo livre. O lugar se caracterizava por ser um espaço comprido, onde, à direita, haviam diversas portas em sequência, que davam em quartos pequenos. Do lado de fora desses cômodos, onde eu estava com a minha companheira, haviam muitas mesas e bancos rústicos. O lugar estava cheio de pessoas, sendo muitas delas com aparência bonita, mas algumas apresentavam fortes deformidades. Naquele momento, não saberia distinguir bem se eram desencarnados ou indivíduos projetados. Provavelmente ocorriam ali tanto os primeiros, como os segundos. O ambiente tinha uma forte vibração sensual. Muitos estavam nus ou seminus. Compreendi que as pessoas que chegavam sozinhas ali, entabulavam algum tipo de conversa com alguém de interesse, e, tendo-se entendido, adentravam algum daqueles cômodos para a prática sexual. O “clima” era envolvente e fiquei um pouco perturbado com tantas imagens de sensualidade, mas, como havia uma certa

hostilidade no ar, também estava temeroso. Talvez estas emoções divergentes, somadas à presença da bela amiga protetora, que de alguma forma me sustentava, impediram que eu me entregasse aos instintos, ou que eu batesse em retirada rumo ao corpo denso.

Após um tempo junto com a minha companheira, observando o lugar, ela me conduziu a um dos quartos. Ela sabia o que fazia e eu compreendi que iríamos encenar uma espécie de “jogo”, de forma a não sermos identificados como intrusos. Havia um objetivo oculto para a nossa presença ali. Estando no reduzido cômodo, deitamo-nos numa cama de casal, e ficamos abraçados por um tempo. Agora ela trajava apenas a tanga. Quem ficou do lado de fora do quarto, acreditaria que estávamos naquele lugar para ter prazer, como qualquer um que estava ali.

Depois deste período, tive um lapso de memória. A seguir, eu já me encontrava do lado de fora do cômodo. Eu sabia que a minha amiga permanecera lá. Fiquei sentado num dos bancos daquele grande recinto, que se assemelhava a uma “praça de encontros”. A minha frente havia uma mesa vazia, e ninguém se aproximara de mim até então. Percebi que eu funcionava como uma espécie de “isca”. Após momentos surgiu um rapaz moreno, apresentando um gestual típico da homossexualidade. Ele sentou-se num banco a minha frente, analisando-me com visível interesse. Achei curioso como o corpo dele estava todo lubrificado, ou, pelo menos, era isso que a minha visão astral podia perceber. Sua pele brilhava como se ele ou alguém tivesse passado um óleo por toda a superfície. Ele nada falou para mim, mas insinuava-se de forma clara, evidenciando desejar-me. Logo levantei-me para ir embora dali, mas ele me seguiu. Segurou no meu braço e pediu avidamente que eu raspasse os parques pelos que apresentava. Eu disse ao rapaz que não queria nada com ele, e fui em direção ao quarto onde estava a minha amiga. Tinha intenção de pedir ajuda a ela. Talvez se o rapaz soubesse que eu estava acompanhado, se afastasse de vez. Então, houve novo lapso de memória.

Na sequência, após o jovem ter sumido, voltei a ficar com a minha companheira no reduzido cômodo, deitado na cama de casal. Eu estava bastante tenso com tudo o que estava acontecendo. Além do assédio de momentos antes, havia barulhos diversos como gemidos, gargalhadas, discussões, enfim, um ambiente caótico. Havia visto várias pessoas semienlouquecidas e outras com formas um tanto aberrantes do lado de fora. Na verdade, eu me sentia acuado naquele pequeno recinto, que, pelo menos, era melhor do que estar na área externa. Então, notei que no quarto onde eu estava, mais próximo à entrada, havia uma cama menor que aquela onde eu estava com a minha amiga. Naquele leito, dormia uma mulher muito gorda, inteiramente nua. Eu conversava baixinho com a amiga loira, expondo as minhas impressões sobre o lugar, quando ela me disse: “O pior ainda está por vir!” Logo depois que ela me deu este aviso, entrou no recinto um

homem muito robusto, nu e com os olhos arregalados, parecendo estar num estado de automatismo. Tinha um aspecto que lembrava um sonâmbulo. Seu pênis era absurdamente grande. Assim que entrou, deitou-se sobre a mulher gorda. Ela despertou e ambos começaram a se relacionar. Após instantes, retornei ao corpo físico.

Despertei impressionado com todas as imagens e sensações daquela experiência. Não foi difícil pôr no papel a sequência dos eventos, já que estavam muito vívidos na minha memória. Fiquei tentando entender qual seria o objetivo principal daquela atividade extrafísica, e pensei em algumas hipóteses. Uma delas seria o resgate de alguma entidade que, embora ainda “presa” por sintonia às vibrações daquele ambiente, já desejasse ir para um local mais saudável, precisando, para isso, de um auxílio da Espiritualidade. Sendo isso, seria compreensível a minha presença ali, pois como encarnado eu teria uma frequência vibratória mais “ajustável” com a energia do lugar (e também o ectoplasma necessário para doar para alguma tarefa mais “densa”). Outra motivação para eu estar ali, seria basicamente para absorver algum tipo de aprendizado. Sob este ponto de vista, eu poderia estar em treinamento para atuar em áreas como aquela, em oportunidades futuras. Após pensar mais um tempo, concluí que seria difícil identificar uma causa primordial para aquela viagem astral. Provavelmente estavam envolvidas mais de uma motivação, para eu ser levado por aquela trabalhadora espiritual, àquela área de sexo livre.

DATA: 26/09/2001

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

A entidade feminina que me acompanhou durante esta vivência extrafísica foi a Sra. Maria Padilha, que eu já conhecia desde antes, no Astral, bem como no Plano Terreno, através de uma médium amiga. As pomba-giras atuam dentro da Umbanda em diversas finalidades. Uma delas é a ação no campo emocional/sexual, de modo a evitar ou combater obsessões de espíritos em desequilíbrio sobre encarnados. As pomba-giras, no Mundo Astral, geralmente não se apresentam despidas ou seminuas, como neste relato. Isto só acontece, se a tarefa exige trajes sumários, de modo a se disfarçarem conforme os seres que habitam o local.

RELATO 14 – CAMINHANDO NO UMBRAL

Havia deitado-me um tanto cansado, não tendo realizado exercício projetivo. Eu atravessava uma época de fragilidade orgânica e de desvitalização, por motivos diversos. Provavelmente refletindo este estado físico não muito bom, que reduzia o meu bom humor, acabei por ir parar no Umbral (resumidamente, lembro que este é o termo da literatura espírita que designa uma “área” do Astral, onde há uma concentração de desencarnados em desequilíbrio).

O lugar era sombrio. Eu caminhava, evitando chamar a atenção sobre mim. Recordo de ter passado por um grupo bizarro, que era formado por um velho (cabelos totalmente brancos, bem magro e sem camisa) e alguns garotos com idade aparente entre 7 e 11 anos. Pude observar, de soslaio, que o ancião liderava os demais, impondo rudemente uma rígida disciplina. Notei que treinavam uma estranha formação de combate: os garotos subiam habilidosamente nos ombros uns dos outros, constituindo uma pirâmide humana de, talvez, 10 jovens. Após realizada a formação, ao comando do velho, eles se atiravam do alto para o solo, já com facas nas mãos. Notei que os garotos estavam sob severa tensão. Mas, como não detive a minha caminhada, evitando chamar a atenção, deixei esta situação para trás.

Depois de um tempo, atingi uma região onde a questão sexual era predominante. Primeiramente, passei por um “bairro *gay*”. Ali transitavam vários ônibus, apinhados de pessoas (pareceu-me que a maioria era de homens vestidos de mulher), cujas laterais apresentavam placas informativas. Nelas haviam inscrições indicativas, de que os veículos eram para o transporte de homossexuais e simpatizantes. Os ônibus estavam tão cheios, que até haviam pessoas penduradas nas portas. Eles gritavam, convidando aqueles que perambulavam pelas ruas, para adentrarem os veículos.

Após atravessar o “bairro” onde predominavam os homossexuais, cheguei a um outro, também com forte conotação sensual, mas que parecia ter uma proporção mais igualitária entre homens e mulheres. Enquanto eu caminhava, pude assistir a um acontecimento, que ocorreu próximo à calçada que eu trilhava. Duas belas mulheres, mas vestidas de uma forma vulgar, foram abordadas por um mendigo, muito sujo. Ele se insinuava para elas, demonstrando estar interessado em manter uma relação. A princípio elas reagiram defensivamente, olhando-o com desprezo. Mas, logo em seguida, começaram a conversar com ele, interrogando-o sobre a sua capacidade sexual, numa linguagem bem explícita. Surpreendi-me com a atitude delas, pois eu esperava que o repelissessem. No entanto, aquilo não me interessava e prossegui, tentando não demonstrar nenhuma

reação externa. Quanto aos meus sentimentos, mantive-me o máximo possível alheio ao que estava ao redor, concentrando-me basicamente em atingir o meu objetivo.

Minha meta era chegar a um templo, próximo àquela região umbralina, onde ocorriam trabalhos de antimagia. Uma vez lá, reconheci alguns companheiros de tarefa mediúnica terrena. Os trabalhos estavam por se iniciar. Alguns cânticos já eram entoados. Contudo, eu estava perdendo a lucidez, pois uma entidade de plano mais sutil já começava a utilizar meu corpo astral, para se manifestar naquela dimensão. A partir disso, só lembro de estar trabalhando “incorporado”, num nível semiconsciente, recordando apenas de cenas e atividades esparsas.

Logo após despertar no Plano Físico, permaneci deitado na cama. Lentamente, as lembranças estavam retornando da frente para trás, ou seja, eu rememorava as passagens mais recentes e, em seguida, vinham à tona acontecimentos anteriores. Fiz questão de registrar esta forma de rememoração aqui, pois esta é uma modalidade que ocorre com certa frequência entre os projetores. Comigo nem tanto, mas realmente não é tão incomum. É importante destacar que, ao despertarmos no leito, muitos de nós logo pula e procura seus afazeres, sem refletir sobre as experiências noturnas. Ao permanecer quieto por alguns momentos, tentando recordar sonhos ou atividades extracorpóreas, evita-se que estas experiências fiquem somente armazenadas no inconsciente. Permanecendo imóvel por alguns instantes após o despertar, e procurando lembrar o que se passou, recupera-se uma parcela importante da memória do que ocorreu durante o sono.

DATA: 03/01/2002

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

É relevante salientar que o templo para onde eu me deslocava, em pleno Mundo Astral, era de Umbanda. E este fato não aconteceu somente nesta oportunidade, mas também em outras viagens extracorpóreas. Assim como existem centros umbandistas e outros tipos de templos religiosos aqui na Terra, eles ocorrem também em dimensões mais sutis. Há uma interligação das atividades entre planos vibratórios e, neste contexto, médiuns em desdobramento espiritual, podem exercer sua mediunidade “do outro lado”, dando continuidade ao que realizam no Plano Físico.

RELATO 15 – CONVERSANDO COM UM ÍNDIO

Naquele dia fui dormir muito cansado, dando apenas para iniciar um exercício projetivo, antes de “apagar”. Uma vez fora do corpo, encontrei-me com um índio de rosto largo, pele bem morena e bastante robusto. Era um típico trabalhador espiritual da Corrente Astral de Umbanda. Recordo que a conversa foi longa, mas não pude “trazer” para o meu consciente boa parte dela. No entanto, lembro-me bem de que a entidade me disse: “Quando eu dou as minhas sugestões ou conselhos a alguém, mas eu percebo que a pessoa não se esforça para modificar-se e melhorar, simplesmente eu me afasto.” Ou seja, ele estava me passando instruções pessoais. A energia que ele emanava era a de uma sabedoria simples e objetiva. Pude perceber que aquele amparador tinha um caráter firme, passando uma impressão de que era bastante seguro do que falava.

Em seguida, despertei na minha cama. Eu fiquei satisfeito com o contato e refleti que ele, na realidade, estava dando-me um exemplo de como agir com as pessoas no dia a dia. Fiz uma autocrítica e repassei mentalmente como eu lidava com amigos problemáticos. Realmente, naquela época, eu tinha uma tendência a me sobrecarregar com os problemas alheios, colocando nas minhas costas uma carga indevida. Cada um deve fazer a sua parte, pensei. A entidade tinha razão, e eu deveria modificar a minha atitude.

DATA: 20/08/2002

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Bem, qualquer umbandista facilmente identifica que a entidade com a qual eu conversava era um caboclo. Nas sessões de Umbanda, eles são conselheiros com frequência. No entanto, também no Plano Astral existem esses encontros de guias espirituais com seus médiuns desdobrados, de forma a trazerem alguma orientação adicional. Muitas vezes o médium incorporante não consegue obter uma informação ou dica de alguma entidade, pois trabalha intensivamente numa gira de terreiro, não dando tempo dele próprio se consultar. Nesses casos, é bastante relevante este contato mais direto no Mundo Extrafísico. E mesmo que o médium não recorde o que conversou “do outro lado”, por uma limitação natural de sua capacidade de rememoração, poderá, no seu cotidiano, ter uma intuição sobre a melhor atitude perante um problema. Esta intuição nada mais será do que um sentimento de como melhor agir, adquirido no

contato com o mentor no Astral.

RELATO 16 – CAVALOS EM PROJEÇÃO

Após ter despertado e rememorado a experiência extrafísica com o amparador indígena (relato anterior), levantei-me e fui beber água. Tornei a dormir e projetei-me sem perceber. Quando retomei a consciência, estava ao ar livre, numa região com extenso pasto verde. A minha frente haviam alguns cavalos.

Logo alguém se manifestou, ao meu lado, chamando-me a atenção para observar bem aos cavalos. Não pude ver quem estava ao meu lado, até porque foquei nos animais. Eles estavam dormindo de pé (os cavalos dormem, na maioria das vezes, de pé), e o corpo deles iniciava a emanção de um tipo de vapor ou fumaça esbranquiçada. Continuei observando a saída do vapor, que transitava lateralmente e iniciava uma condensação a uma certa distância dos equinos. Então, depois de instantes, ali estavam os cavalos fora do corpo físico. Os corpos astrais dos animais eram quase idênticos aos materiais, apenas com a diferença de que tinham uma tonalidade mais clara. O que era interessante, é que os cavalos pareciam responder a uma espécie de chamado sutil, imperceptível para mim, mas não para eles.

Naquele instante, então, a pessoa ao meu lado voltou a falar. Disse para mim, que deveria continuar prestando atenção aos equinos projetados. Eles, que eram em número de quatro, agora caminhavam ordenadamente, inclusive dando passos laterais em perfeita coordenação, como se estivessem num treino de adestramento em conjunto. Aquilo era um espetáculo interessante, embora eu não estivesse vendo quem ordenava os passos que os animais deviam fazer. Talvez estivessem obedecendo ao comando telepático de alguém, provavelmente a pessoa ao meu lado, evidentemente um amparador. A seguir, o amparador destacou a disciplina dos cavalos, elogiando-os, enquanto prosseguiam na bela apresentação, que, naquele momento, parecia uma dança. Na sequência, a entidade voltou a falar, salientando que aqueles animais, considerados irracionais, eram melhores do que muitos seres humanos, pois aqueles equinos tinham as boas características do esforço e da disciplina, enquanto muitas pessoas são incapazes de se concentrar num objetivo, mantendo uma rebeldia sem motivo definido. Logo após, retornei ao meu corpo material.

Depois que despertei em meu leito, rememorei toda esta experiência, considerando-a bem original. Eu estava satisfeito e logo coloquei-a no papel. No entanto, naquele momento, não fiz uma ligação direta entre a outra viagem astral que ocorrera na mesma noite (a do índio), com esta. É

bem possível que o índio da primeira viagem noturna fosse, também, o amparador desta segunda projeção astral. Ele deveria ter cumprido o papel de “adestrador” dos cavalos na experiência extrafísica, para, justamente, me passar o valor que há em manter uma disciplina durante a vida, evitando perder o foco das coisas realmente importantes.

DATA: 20/08/2002

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Tudo indica que o caboclo, naquela mesma noite, deu continuidade a seu ensinamento nesta segunda experiência fora do corpo. Utilizou-se de uma didática muito interessante, ao me possibilitar assistir a um desdobramento espiritual de cavalos, provavelmente induzido mentalmente pelo próprio guia, para demonstrar que até os animais podem ser bem focados e disciplinados numa tarefa. Além disso, destaco que essa viagem astral me permitiu constatar, na prática, o que eu já sabia através da literatura sobre este tema: os animais também se projetam ao Mundo Extrafísico.

RELATO 17 – REENCONTRO E TAREFA ASSISTENCIALISTA

Esta viagem astral foi a primeira de duas na mesma noite. O início do que pude lembrar, trata-se de um reencontro com a minha falecida mãe (desencarnou em 1989). Eu e ela acabáramos de conversar com um senhor negro, aparentando idade entre 40 e 45 anos, que era bem magro, com aspecto doentio. Agora, eu e ela descíamos uma ladeira, quando me distraí com uma vegetação na beira do caminho. No momento que olhei para a frente, ela já havia se deslocado com rapidez e eu a perdi de vista. Fiquei surpreso com a velocidade com que ela se movimentou, mas não havia problema algum, pois eu sabia onde era a sua residência no Astral. Assim, continuei caminhando até lá. Quando cheguei ao meu destino, um casarão de muros altos e tom laranja bem claro, encontrei duas pessoas conhecidas. Uma delas era uma senhora negra, com idade aparente entre 45 e 50 anos, levemente obesa, já desencarnada. A outra pessoa era o homem que descrevi, brevemente, no início deste relato.

Bem, a senhora negra estava próxima à morada de minha mãe, mas o foco da minha atenção estava voltado para uma típica oferenda umbandista, com velas e charutos, num toco de

árvore, a poucos metros da entrada da residência da minha genitora, que deveria estar no interior da casa. Fiquei ali parado, um tempo, observando a disposição daqueles materiais de magia, em pleno Astral. Só então, a senhora negra aproximou-se de mim, humildemente, mas levei um pequeno susto, pois eu ficara meio “fora do ar” observando aquela oferenda. Eu falei algo a ela em tom de surpresa, e ela me respondeu: “Eu fiquei quieta porque pensei que o senhor estava com guia.” Logo lhe falei: “É, de repente eu estava porque fiquei meio aéreo!”

Em seguida, afastei-me dela e fui em direção ao portão do casarão de minha mãe. Então, aproximou-se mais o senhor negro a quem me referi no início deste relato. Ele estava realmente doente, pois tossia muito. Estava tendo um acesso de tosse, a uns dois metros da entrada da residência da minha genitora. Agora, eu estava de costas para ele, pois tinha intenção de entrar na casa. Mas, como eu estava ainda meio aéreo, estaquei naquela posição, como se estivesse sendo teleguiado por outra inteligência. A minha lucidez flutuava, mas não ao ponto de eu perder a consciência. Fiquei assim por um tempo, de costas para o senhor doente, mas sem bater no portão da residência. Então, aconteceu um fenômeno sem a minha interferência mental. Acabara de ser plasmado, em mim, um grosso casaco escuro, com uma gola alta. Mantive-me parado, enquanto podia ouvir que a tosse da entidade aumentava atrás de mim. De repente, eu comecei a tossir também, mas ele, que estava bem próximo de mim agora, passou a liberar placas de catarro, que atingiam o casaco que me protegia. Pude ver que as tais placas tinham tonalidades entre o amarelo e o verde, já que algumas delas vieram a se alojar em partes do casaco, visíveis para mim (nos braços e ombros). Eu ali, parado, numa espécie de transe semiconsciente, tive a intuição de que ele tinha tuberculose (provavelmente desencarnara com a doença, mas ainda retinha no perispírito as mazelas de sua vida material). Após alguns momentos, foi reduzindo o acesso do homem, até parar. Disse que estava melhor e me agradeceu. Então, virei-me para ele e observei que estava com uma aparência mais saudável.

A seguir, o senhor se deslocou até uma vegetação próxima e retirou folhas de uma planta, do tipo “cipó”. Comunicou-me que iria fazer um banho com as folhas, como lhe havia sido recomendado. Senti que esta recomendação teria partido de um guia de Umbanda, que se manifesta através de mim, em certas oportunidades. Possivelmente quando conversei com este senhor, quando eu estava com a minha mãe (no início deste relato), devo ter entrado em transe e transmitido a orientação. Então, perguntei se gostaria que eu pedisse água para a minha mãe, de forma que ele pudesse usar no banho de ervas. Respondeu-me que não era necessário. Em seguida entrei no casarão, sendo recebido pela minha genitora, que estava muito sorridente. Parecia feliz por eu ter ajudado aquela entidade. A partir deste ponto nada mais pude rememorar.

Sobre esta projeção, entendo ser relevante destacar dois aspectos: o reencontro com parentes desencarnados e a questão da mediunidade em pleno Astral. Quanto ao reencontro com entes queridos que desencarnaram, numa viagem extrafísica, esta motivação não deve ser algo obsessivo por parte do projetor, já que entidades não amistosas podem perceber este interesse, tentando se fazer passar por algum parente que já partiu da Terra, de maneira a exercer uma vampirização (roubo de bioenergias do viajante). Isto já aconteceu comigo, numa oportunidade em que a minha lucidez não era das melhores, quando demorei a discernir que a entidade que plasmara a forma do meu pai desencarnado, não era ele de fato. O reencontro com entes queridos, no Astral, quando se dá de forma espontânea, sem angústias (desejo prévio obsessivo) por parte do projetor, é algo bastante agradável. Bem, quanto à questão mediúnica no Mundo Extrafísico, não é algo muito relatado por viajantes astrais, até porque quando isso ocorre, o nível de lucidez da pessoa projetada cai, dificultando ainda mais que se registre algo conscientemente, para posterior rememoração. Este fenômeno já aconteceu comigo algumas vezes, e tenho encontrado relatos esparsos sobre esta questão, de outros projetores. A condição básica para que ocorra algo mediúnico no Astral, é que o guia (ou amparador) do indivíduo projetado esteja mais sutilizado do que o projetor-médium. Ou seja, o veículo de manifestação do espírito comunicante deve estar menos denso, do que o corpo astral do médium projetado.

DATA: 9/05/2003

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Este relato é mais um que demonstra que os trabalhos umbandistas de terreiro, no Plano Físico, se estendem para o Mundo Astral. O que aconteceu nada mais foi que um descarrego da entidade espiritual ainda adoecida. Muitos desencarnam e permanecem com problemas que tinham na vida material. Quanto à minha mãe desencarnada, como ela tinha afinidade com o Umbandismo, foi amparada por esta corrente espiritualista no Astral, agregando-se a ela de alguma forma. Outro aspecto desta experiência, que é digno de nota, é o fato de haver vegetação naquele ambiente. Isto é normal, sobretudo para as camadas astrais mais próximas ao Plano Terreno, havendo bastante similaridade entre o que ocorre na vida física e na vida espiritual.

RELATO 18 – UM AMIGO ENFEZADO

Na mesma noite da experiência do relato anterior, projetei-me novamente. Agora, estava num ambiente vibracional “pesado”. O local assemelhava-se ao Centro da Cidade do Rio de Janeiro, com muitos prédios, embora tivesse um movimento de pessoas bem limitado. O piso da calçada da rua, onde eu transitava, era formado por pedras portuguesas. Realmente parecia que aquele lugar pertencia a uma faixa energética próxima a do ambiente terreno.

Eu não estava só. Um negro alto e forte, de aparência jovem, usando um colar de contas pretas e vermelhas no pescoço, ia lado a lado comigo, mantendo uma atitude de “guarda-costas”. Ele caminhava com uma expressão facial bastante séria, com um olhar um tanto “bravo”. O colar chamou-me a atenção, pois aquele apetrecho, na Corrente Astral de Umbanda, é chamado “guia” e, pelas cores que ali estavam, pertencia à chamada Linha dos Exus (agrupamento de diversos tipos de entidades, mas que, comumente, realizam tarefas protetórias e/ou de policiamento, dentre outras).

Andávamos a passos largos, quando nos aproximamos de um grupo de rapazes negros, que davam a impressão de serem entidades não amistosas. Esta impressão se confirmou, logo que passamos pelos jovens, pois eles começaram a nos provocar, chamando-nos de frouxos, covardes, dentre outros “predicados”. Continuamos a caminhar, nos afastando dos zombeteiros, até que o meu amigo não conteve o seu aborrecimento com a situação. Ele parou e retornou rapidamente, numa atitude de que iria “tirar satisfação” com aquelas entidades. Eu ainda tentei demovê-lo da sua intenção, que era evidente pela sua expressão corporal, dizendo-lhe: “Deixa pra lá, ignora, não importa!” Mas, não teve jeito! Ele foi lá e agrediu dois ou três indivíduos, que logo foram para o chão. A cena seguinte foi das entidades, de joelhos, sendo obrigadas a desdizer todas as provocações que fizeram a nós. Em seguida, o meu amigo enfezado os induziu a admitirem que eles próprios eram frouxos, covardes etc. Após este momento, não pude rememorar mais nada. Não consegui trazer para o meu cérebro físico, por qual motivo eu me encontrava naquele lugar, escoltado pela entidade da “guia de exu”. Aliás, é interessante salientar que esta experiência breve se seguiu àquela do relato anterior, na mesma noite. Isto já ocorreu comigo em outras oportunidades, ou seja, fazer mais de uma viagem astral lúcida numa mesma noite, com rememoração. No entanto, saliento que nessas condições é mais difícil uma recordação mais completa. Acredito que muitos projetores têm experiências conscientes no Astral, num mesmo período noturno. Contudo, o que seria de nosso cérebro material, se tivesse que processar tantas atividades fora do corpo em nível consciente? O desgaste seria grande... Assim, entendo que diversas projeções astrais lúcidas ocorrem, mas não são registradas pelo viajante após despertar, por

falta de capacidade de rememoração. Em outras palavras, de certa forma, há um mecanismo de proteção da nossa “máquina física”, visando à manutenção da saúde.

DATA: 09/05/2003

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Sobre esta experiência, pode se destacar a presença de uma guia típica de exu no pescoço da entidade. Isso, a princípio, não faria muito sentido, pois as guias dos médiuns aqui no Plano Terreno têm funções específicas. Uma dessas funções, quando a guia está bem imantada, é a de facilitar a conexão com o espírito a se manifestar. Outra função é a de funcionar como uma espécie de para-raios, contra cargas vibratórias pesadas. Porém, a presença da guia no pescoço daquele exu, cujo nome ou linhagem não pude perceber bem, possivelmente era para chamar a minha atenção para o tipo de atividade que aquele espírito exercia no Astral. Depois desta viagem extrafísica, encontrei outros exus no Mundo Sutil, em várias oportunidades, mas não recorro de nenhum deles com guia no pescoço. No entanto, algumas dessas imagens ritualísticas de exu, a venda nas lojas, bem como algumas representações na Internet, mostram guardiões com cordões ou guias no pescoço. Na realidade, não temos uma explicação completa para tudo. E quanto ao jovem guardião que me acompanhava nesta experiência fora do corpo, não recorro de tê-lo encontrado em outras vezes.

RELATO 19 – RETORNANDO COM LUCIDEZ

Este relato é composto por duas viagens astrais, que ocorreram na mesma noite, em sequência. Ambas experiências estão relacionadas pela maneira como retornei ao corpo físico, conforme conto a seguir.

Na primeira, recorro de que estava num templo umbandista, onde iria colaborar mediunicamente. Eu trajava calça e camisa brancas, podendo perceber que no ambiente estava a médium e amiga Tetê Souza, que partilha comigo, no Plano Terreno, atividades espiritualistas há muitos anos. Sentia-me satisfeito por estar ali, mas, logo que começaram os trabalhos, perdi a coordenação motora e a lucidez. Tudo ficou meio confuso e as imagens que eu registrei, eram semelhantes a uma espécie de jogo esportivo do qual eu participava. Entendo que neste período

ocorreu uma manifestação mediúnica em pleno Astral, através de mim, e que a influência da entidade comunicante reduziu a minha lucidez e a capacidade de rememoração. Mas a seguir, lembro de estar me dirigindo a um vestiário do templo, onde eu iria me desfazer das roupas brancas, plasmadas para a atividade da qual participara. Uma vez no vestiário, estava bem lúcido e refleti: “Estou projetado! Se pensar no meu corpo material, vou despertar na minha cama.” No entanto, permaneci trocando de roupa, demorando ainda um pouco para retornar, o que aconteceu em seguida.

Após reassumir meu corpo denso, levantei-me para comer algo, já que meu estômago ameaçava “reclamar”. Na sequência, voltei para o leito e logo adormeci, para, mais uma vez, projetar-me. Desta vez, lembro de estar na portaria de um prédio. Não sei como fui parar ali, mas sei que realizei algumas atividades, que agora já não consigo recordar bem. Contudo, num dado momento, a minha lucidez e capacidade de rememorar funcionaram positivamente. Foi quando pensei novamente: “Estou projetado! Vou mentalizar o meu corpo lá na cama e despertar em seguida.” Assim, de onde estava, visualizei mentalmente o meu veículo denso, em decúbito dorsal, no leito. Neste instante, fui atrapalhado ligeiramente por uma cadela vira-lata (não sei se era uma forma-pensamento ou de fato um animal projetado) que tentava brincar comigo. Mas concentrei-me no meu objetivo e logo estava abrindo os meus olhos materiais no quarto. Naquela noite, portanto, pude treinar por duas vezes um retorno lúcido ao corpo, tendo ficado satisfeito com os resultados alcançados.

DATA: 21/08/2003

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Quanto à Umbanda, este relato me permite assinalar que, no Astral, suas atividades antecedem às giras de terreiro e, muitas vezes, continuam depois dos trabalhos no Plano Material. Existe uma conexão e continuidade das tarefas umbandistas, cujo planejamento e ação começam no Mundo Sutil, tendo reflexos aqui na matéria. O mais interessante é que, em algumas oportunidades, alguns médiuns de um mesmo centro se projetam com lucidez e se recordam de estar em grupo trabalhando. Nesses casos, se pode ter uma comprovação do fenômeno do desdobramento espiritual e da mediunidade de Umbanda no Mundo Extrafísico.

RELATO 20 – DOENTES MENTAIS

Era uma noite de domingo, em pleno mês de outubro, e eu estava na casa da amiga Tetê Souza. A campainha tocou e logo descobríamos que eram alguns antigos companheiros de um grupo espiritualista, que frequentáramos por anos, atuando mediunicamente. Eles acabavam de sair da sessão do centro, onde houvera ao final uma confraternização com bolo e doces, trazendo-nos gentilmente uma parcela dos quitutes. Ficaram conosco por poucos minutos, quando fizeram um resumo das atividades espiritualistas ocorridas.

Mais tarde, quando fui deitar-me, logo peguei no sono e projetei-me inesperadamente. Fui parar em um local, onde também estavam a Tetê Souza, o Nelson Vilhenna (dirigente do centro supracitado e meu amigo até hoje) e mais cerca de sete ou oito pessoas que não pude identificar bem. Todos nós estávamos de mãos espalmadas para a frente, emitindo bioenergias para um conjunto de entidades. Este conjunto era composto por oito a dez indivíduos, de costas para nós, e que estavam vestidos apenas da cintura para baixo.

Num dado momento da irradiação que fazíamos, senti meu corpo astral sacudir, como se algo “energético” tivesse ricocheteado em mim e passado adiante. Aquela vibração estranha me pareceu ter vindo de uma das entidades a minha frente, talvez pelo passe que aplicávamos, “deslocando” algo que estava agregado ao perispírito daquele ser em desequilíbrio. Em seguida, um dos desencarnados virou-se para trás e disse: “Eu não quero isso não!” Ele referia-se ao trabalho vibracional que realizávamos. Pude notar que sua boca só continha dois dentes frontalmente, e que o indivíduo apresentava uma idade aparente de cerca de 65 anos. Seu rosto e voz denunciavam que era um tipo de paciente psiquiátrico. Então, um dos assistas presentes segurou-lhe os ombros, fazendo-o voltar-se para a frente novamente. A seguir acrescentou ao doente, em tom de voz que combinava firmeza, com certa dose de docilidade: “Você quer sim!” Logo após, ouvi alguém dizer: “É, se não fossem os guias não teríamos conseguido.” Na sequência, notei que as entidades que receberam a nossa ajuda eram, predominantemente, senão todos, seres que desencarnaram com problemas mentais.

Pela manhã, despertei na cama com esta memória do que houve no Astral, embora tenha sentido que mais fatos se desenrolaram. Esta tarefa extrafísica foi uma típica atividade complementar, posterior aos trabalhos mediúnicos terrenos. Meditei um pouco e achei bastante interessante que, embora eu e Tetê Souza já estivéssemos afastados daquele grupo espiritualista há algum tempo, no Mundo Astral ainda nos encontrávamos e realizávamos tarefas em conjunto. Pude

concluir, não só em decorrência desta experiência, mas também de outras similares, que mesmo quando no Plano Terreno algumas circunstâncias promovam um afastamento físico, a afinidade natural ou compromissos espirituais prévios voltam a reunir as pessoas nos mundos sutis.

DATA: 19/10/2003

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Este relato de experiência extracorpórea mostra que, a partir de uma gira de Umbanda específica para a Linha das Crianças, pode se movimentar bioenergias significativas para diversas finalidades e, até mesmo, para auxiliar a desencarnados que fizeram a travessia para o “outro lado” com problemas mentais. Por trás da forma infantil assumida pelos espíritos que trabalham na Linha de Ibeji, há muita luz e consciência. O que aparentemente é uma “festa de crianças”, dentro do Umbandismo, na realidade é muito mais. Os ibejis e erês trabalham com cura, esclarecimento, desfazem magias negativas, dentre outras atividades. Naquela noite, tive a oportunidade de verificar, diretamente no Plano Astral, o que se sucedeu a uma gira de crianças. Foi uma bela oportunidade, que pude aproveitar bem.

RELATO 21 – LUTA NO ASTRAL

Fui deitar-me para dormir, naquela sexta-feira à noite, na residência de antiga amiga. Eu estava tranquilo e não tencionava me projetar. No entanto, mais uma experiência extrafísica ocorreu.

Recordo de estar desperto numa cidade grande, com amplas ruas e avenidas, onde haviam prédios de muitos andares. O lugar não tinha veículos, o que fazia se assemelhar ao centro comercial de uma metrópole, num dia de feriado ou de final de semana. Não sei porque estava ali, e ao ver um homem de idade aparente jovem e pele morena, aproximei-me dele. Havia algo de familiar nele, que era um sujeito com estatura pouco maior que a minha, porém sendo alguém com uma “musculatura” bem mais desenvolvida que a minha. Ele estava na beira da calçada de uma avenida, e quando cheguei perto dele, distraí-me com algumas pessoas que estavam na calçada oposta. Percebi que o homem jovem e familiar sumira, mas não dei importância ao fato, pois foquei

minha atenção no grupo do outro lado da avenida. Este era composto de seis a oito pessoas, havendo homens e mulheres. Uma briga começara entre duas moças. Uma era bem magra e tinha as feições de alguém com distúrbios mentais. Esta era bastante provocativa e batia na segunda mulher, que acabara de tombar no chão. O restante do grupo assistia àquele combate, torcendo pela vitória da moça desequilibrada. Eles riam e escarneciam da mulher que estava no chão apanhando.

Eu observava a tudo, atônito, quando eles perceberam a minha presença a poucos metros de distância. A mulher semilouca acabara de fixar a sua atenção em mim, e, agora, estava atravessando a avenida em minha direção, em disparada. O restante do grupo permaneceu do outro lado da via, apenas observando. Eu mantive-me parado, aguardando a sua aproximação. Quando ela chegou e fez um gesto para me agredir com um braço, adiantei-me e dei uma espécie de encontrão nela, que foi ao chão. Ela tentava levantar-se do chão sem sucesso, e, então, pude observá-la melhor, notando que parecia bêbada. Logo em seguida, olhei para a frente e vi que os demais do grupo dela vieram em meu encalço. Corri, mas depois de um tempo, um dos homens mais rápidos estava quase me alcançando. Assim, parei para defender-me. Eu estava muito ágil e acertei vários socos nele, até derrubá-lo. Não fui atingido nem uma única vez. Ali, naquela situação, eu estava apresentando uma habilidade e força que não tenho na Terra. Na realidade, no ambiente material, nunca me envolvi em brigas de rua e detesto situações de contenda, seja física ou verbal. A única habilidade de autodefesa que aprendi no Mundo Físico foi o judô, que pratiquei como esporte durante seis anos seguidos, na minha infância/adolescência. E o curioso, é que nunca me defendi no Astral usando o judô.

Em seguida, tornei a fugir, tentando evitar novos embates. No entanto, outro indivíduo daquela gangue alcançou-me, até porque eu tivera que parar para lutar com o anterior. O novo “adversário” era bem alto e gordo, apresentando-se com muitas correntes no pescoço, num estilo meio *punk*. Devido a sua estatura, tive que desferir socos de baixo para cima. Lembro de ter acertado, seguida e rapidamente, uma sequência de vários golpes num mesmo olho dele, até que tombasse. Minha mão astral encaixava perfeitamente na órbita ocular do grande rosto do perseguidor. Realmente eu estava muito ágil e certo, colocando em prática uma habilidade em “briga de rua” que não tenho na vida material. Logo depois, voltei à fuga, que transcorreu com bastante intensidade. Mais dois chegaram a me alcançar, mas desferi golpes que os derrubaram, sem que eu tivesse que parar para me defender. A seguir, despertei no meu leito e registrei a experiência.

No dia seguinte, no sábado, ocorreu mais uma reunião do recém-fundado Grupo Espiritualista Francisco de Assis. Durante a sessão, houve a incorporação de um guardião da Corrente Astral de Umbanda, através da minha pessoa. Então, ele assinalou que a vivência que eu

tivera no Mundo Extrafísico, na noite imediatamente anterior, fora para servir de auxiliar na captura de alguns desencarnados, que perturbavam um integrante do nosso grupo. Ou seja, na realidade, eu fora utilizado no Astral para atrair e “abater” momentaneamente aqueles espíritos em desequilíbrio, de forma que eles fossem levados para um outro lugar. O guardião colocou também que eu não realizara as ações de combate, mas sim que ele executara os golpes. A seguir, chamou a atenção do jovem integrante do nosso Grupo, para que vibrasse num padrão de energia melhor, evitando atrair novamente aquele tipo de entidades que o estavam acompanhando. Depois da sessão espiritualista, contaram-me o que o guardião falara através da minha boca. Fiquei com aquela história na cabeça. Mais tarde, concluí que aquele homem moreno que vira no início da projeção astral, do qual me aproximara por sentir uma familiaridade por ele, e que sumira em seguida, deveria ser o guardião. Fazia sentido, pois ele deveria ter sutalizado a sua forma astral, tornando-se invisível para poder me influenciar/mediunizar, de maneira a cumprir aquela tarefa “densa” no Mundo Extrafísico, utilizando-se de minhas bioenergias de encarnado, que são bastante relevantes nesse tipo de atividade. Depois, recordei também que já havia avisado ao integrante do Grupo Espiritualista, cerca de quinze dias atrás, de que eu intuía que ele estava acompanhado de algumas entidades que gostavam da violência gratuita. Lembro que eu havia lhe falado para tomar cuidado, pois senão ele seria induzido, paulatinamente, a ter comportamento agressivo. Naquele final de semana, portanto, mais uma vez eu constatara uma viagem astral induzida pela influência de amigos espirituais.

DATA: 06/12/2003

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Esta ocorrência no Mundo Extrafísico corrobora a ação policiadora dos exus. Sem eles, a nossa vida material cotidiana tenderia a ser bem mais problemática, pois os assédios espirituais nos levariam, mais facilmente, a atitudes desequilibradas. Cabe a nós, encarnados, buscarmos melhores sintonias, evitando dar tanto trabalho aos guardiões. E é sempre bom lembrar que, quando insistimos na desarmonia e numa vida desregrada, chegamos a um ponto em que os próprios exus permitem que colhamos o que plantamos.

RELATO 22 – MEDIUNIDADE E ECTOPLASMIA NO ASTRAL

Nesta época, eu e a amiga Tetê Souza havíamos recém-fundado o Grupo Espiritualista Francisco de Assis. Ambos trabalhávamos em tarefas de desobsessão e antimagia no plano terreno, e, não raras vezes, estas atividades se refletiam no Mundo Astral, em tarefas semelhantes.

Num dado dia, após ter me deitado um pouco cansado, projetei-me sem ter tentado conscientemente uma experiência lúcida. Não me recordo da saída do corpo. Apenas lembro dos fatos, a partir do encontro com um homem desconhecido. Eu estava junto com Tetê Souza. Ele nos conduzia até a sua residência, uma bela casa de dois andares. Este homem me parecia estar projetado também, e, por motivo que eu não podia atinar, pedia-nos ajuda. Não faço ideia em como ele nos encontrou, talvez pela interferência de algum amparador, invisível naqueles momentos.

Depois que entramos na construção, muito bem elaborada, e que permitia concluir que o homem tinha boa condição financeira, deparamo-nos com um ambiente pesado. O local era relativamente escuro. Logo foi possível ouvir sons de discussão. O próprio homem que nos conduzia, passara a brigar com uma mulher, que percebi ser sua esposa (também projetada). Creio que este era o “clima” daquele lar. Compreendi que o casal, nos últimos tempos, não se entendia. Rapidamente o ambiente se encheu de pessoas, que surgiram de vários cômodos, acontecendo grande confusão. A discussão se transformara em briga generalizada, com socos e pontapés de vários lados (pareceu-me que o lugar estava “infestado” de entidades obsessoras, que estavam contribuindo para a desarmonia doméstica). Logo a seguir, vi que Tetê Souza fora envolvida pela baderna, estando ela no meio de indivíduos em forte contenda. E pensei: “Meu Deus, e agora? Como tirá-la dali?”

No entanto, no instante em seguida, minha amiga ficou envolta numa densa nuvem branca e iluminada. A bagunça, como por encanto, serenou. Tetê saiu da nuvem esbranquiçada (ectoplasma), com o rosto visivelmente mediunizado. As pessoas que brigavam, simplesmente já não estavam no local, inclusive a esposa do homem que nos pedira auxílio. Ela devia ter retornado a seu corpo. Quanto às entidades perturbadas, creio terem sido transportadas para outro local. Uma espécie de limpeza “instantânea” ocorrera. Manifestava-se um guia da corrente umbandista, que eu conhecia de longa data, através da mediunidade de Tetê Souza. E ele dirigiu-se para o homem que nos conduzia até ali, o dono da casa, falando duramente com ele. Alertou-o de que se ele não se consertasse, perderia a esposa e as boas condições financeiras que tinha. A entidade, por fim, arrematou que aquela era a sua última chance.

Bem, tudo parecia estar em calma. Muitas entidades obsessoras haviam sido retiradas. Mas, então, subitamente senti que ainda ocorria uma presença desarmônica. Como se eu estivesse teleguiado por uma força invisível, dirigi-me para o terraço da bela residência. Chegando lá, notei que todo o piso era revestido com pedras do tipo São Tomé, típicas para áreas de lazer com piscina. Assim que cheguei, surgiu um enorme cão negro, a partir de dentro de um cômodo, que deveria ser uma suíte. Ele veio em minha direção, acelerando, e resolvi esperá-lo. Quando ele saltou bem alto, na altura e direção do meu pescoço, dei um rápido passo para trás para firmar-me. Então, desferi um soco, com toda a força que possuía, na cabeça do animal. O cão caiu no chão, desacordado. Logo em seguida, despertei em minha cama.

Quanto ao cão, é preciso comentar que é relativamente comum entidades humanas desencarnadas (assediadores) alterarem suas aparências, de maneira a tornarem-se mais amedrontadoras. Por outro lado, há de fato animais que saem de seus corpos ao dormirem e aquele cão negro poderia ser um animal de estimação do lar. Porém, como eu estava intuído naquele momento, logo percebi que era um assediador que ainda se escondia na residência.

DATA: janeiro de 2004

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Este caso é típico do acontecimento da mediunidade em pleno Mundo Astral, nas imediações do Plano Físico. A entidade manifestante, através do corpo astral (perispírito) da médium Tetê Souza, foi o Caboclo Pena Verde, entidade bastante firme e afeita aos trabalhos de desobsessão. Tive e ainda tenho o privilégio de acompanhar as atividades desde trabalhador espiritual, nos dois lados da vida, já por mais de duas décadas. E quanto a minha participação neste episódio? Bem, o que senti, é que fui conduzido por um exu, que estava num nível vibratório mais sutil que o meu (e por isso invisível), para neutralizar o assediador que ainda se encontrava no ambiente daquela residência.

RELATO 23 – FUI ENGANADO NO ASTRAL

Meu pai havia desencarnado em 1997, e, portanto, já havia transcorrido sete anos de seu falecimento material, à época. Não buscava um encontro com ele ou com outras pessoas queridas

no Astral, pois esta ansiedade comumente atrapalha estes eventos ou, em certas ocasiões, promove um assédio por parte de algum obsessivo mais perspicaz. Ou seja, entendo que o reencontro com parentes e amigos que partiram para o Além, deve ser o mais espontâneo possível. Porém, os nossos desejos inconscientes podem nos trair, e é o que parece ter acontecido comigo nesta experiência extrafísica.

Lembro-me de ter encontrado meu pai num lugar que não era muito limpo. O ambiente não era dos mais claros. Fiquei feliz e dialogava com ele sobre diversos assuntos, dos quais agora não recordo mais. A minha lucidez não era das melhores, pois, embora eu me lembrasse que ele havia desencarnado há anos, eu ainda me preocupava se ele estava com as dores de uma bursite nos ombros. Depois, conversamos longamente sobre pescaria, que era um dos passatempos preferidos dele quando vivera a vida material. Devido a esta conversa, fomos a uma região à beira-mar, cheia de grandes pedras, semelhante a parte das praias do Flamengo e da Glória (na cidade do Rio de Janeiro), onde meu genitor se divertira muitas vezes na sua vida física. Quando descemos pelas pedras em direção ao mar, notei que a água era parada e que estávamos, na realidade, numa enseada. No local, pude perceber que tinha peixes circulando embaixo da superfície, e que haviam alguns deles mortos boiando. O lugar era um tanto sujo e não gostei dali.

De repente, me apercebi que meu pai estava mais alto do que eu. Estranhei o fato, pois eu crescera quase 20 centímetros a mais que ele, no Mundo Terreno. Além disso, em seguida, observei que seus olhos estavam um pouco diferentes do seu normal, apresentando, inclusive, um tom avermelhado, como se estivessem com alguma irritação ocular. No entanto, preferi ignorar essas questões, pois estava feliz pelo reencontro.

A seguir, subimos pelas pedras, rumando para o caminho de onde viemos antes. Lá em cima, encontrei um antigo colega da universidade que passava, o que me deixou muito contente. Abracei-o e trocamos ideias. Contudo, logo pensei que ele não era desencarnado como o meu pai, e fiquei curioso em saber o que ele estaria fazendo ali. Nós três conversamos um pouco sobre amenidades, mas, agora, eu estava com um sentimento de estranheza em mim. Passei a desconfiar do que estava acontecendo.

Mais adiante, apareceu a minha mãe, que desencarnara bem antes, em 1989. Notei que ela estava com o pescoço inchado e logo comentei isso. Ela explicou-me que era um problema na tireoide. Fiquei triste e desejei buscar um tratamento para ela. Eu estava confuso. Minha lucidez flutuava bastante (numa outra oportunidade já havia me encontrado com minha mãe no Astral, e ela estava muito bem). Passei a desconfiar de tantos encontros em sequência.

Então, surgiu um rapaz de pele clara e traços fisionômicos que logo reconheci, sabendo que era uma consciência desencarnada. Simplesmente eu entendi que era um amigo espiritual, ligado à egrégora do meu grupo espiritualista. Caminhei com ele e os outros ficaram para trás. Notando que estava a sós com ele, perguntei: “Isto tudo é verdade?” O trabalhador espiritual respondeu-me, com firmeza, e mirando diretamente nos meus olhos: “Você não pode simplesmente acreditar! Você tem que questionar!”

Fiquei muito aborrecido, por perceber que estava sendo enganado pelas aquelas entidades, que deveriam ser assediadores. Também fiquei chateado pela minha frágil lucidez, durante os momentos em que estivera com aqueles seres, que, aliás, haviam batido em retirada sutilmente, logo após a chegada do meu amigo espiritual. Então, tive uma reação infantil, retornando bruscamente para aquela localidade à beira-mar, tentando reencontrar-me, sobretudo, com o ser que fingira ser o meu pai. Meu desejo era de desmascará-lo. Eu estava muito irritado, e, provavelmente por isso, retornei ao corpo.

DATA: 07/05/2004

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

O amigo leitor, após ler este relato, deve estar se perguntando o porquê eu adicionei este caso neste livro sobre experiências fora do corpo, relacionadas à Umbanda. Bem, já explico: o trabalhador espiritual, que me alertou quanto aos assediadores que me enganavam, é uma entidade da Corrente Astral de Umbanda. Este fato é demonstrativo de que os guias e protetores do Umbandismo nos amparam não só no Plano Terreno, mas também no Mundo Extrafísico, em circunstâncias bastante diversificadas.

RELATO 24 – O GUARDIÃO AFRICANO

Estava ocorrendo um trabalho de antimagia no Mundo Extrafísico. Éramos quatro pessoas, dois homens e duas mulheres. Todos me pareciam ser encarnados projetados. Era evidente que estávamos na contraparte astral de um cemitério físico, pois era fácil notar as várias lápides e alguns mausoléus. Como eu não fora ali por conta própria, muito provavelmente havia a interferência da Corrente Astral de Umbanda, que com frequência me requisitava para algumas atividades, que necessitavam de minhas bioenergias.

Logo após constatar onde eu estava, percebi a presença sutil de um conhecido guardião (também denominado “exu”), permitindo a sua manifestação através da minha mediunidade, em pleno ambiente astral. Deste modo, minha lucidez reduziu-se, mas ainda pude manter um nível razoável de consciência. Eu supunha que, ali, haveria uma ação semelhante ao que na Terra se chama “descarrego” (transformação e eliminação de cargas negativas bem densas energeticamente).

A seguir, a entidade que controlava meu corpo astral falou, aos demais, para aguardarem um pouco. Então, chegou a médium e amiga Tetê Souza que, após entrar no cemitério e achegar-se a nós, também entrou num transe mediúnico. Através dela, um outro guardião se manifestou, passando a auxiliar na tarefa de “descarrego”. Notei, apesar da lucidez relativa pela qual passava, que a médium Tetê Souza, em transe, usava uma substância plasmada semelhante ao óleo de dendê. A entidade que a mediunizava, depois de alguns gestos, deu uma longa gargalhada. Neste momento, pude ver que os dentes de minha amiga estavam bastante alaranjados, pelo “óleo de dendê”. Pareceu-me que o “espírito incorporante” havia sorvido a substância, através do corpo astral da minha amiga. Logo em seguida ao término da atividade daquele guardião, a entidade que se utilizava de meu corpo perispiritual falou: “Obrigado Ol...uba!” Então, creio que perdi a consciência, para, na sequência, despertar no corpo físico.

Contudo, ao abrir os olhos carnis em minha cama, pude rememorar relativamente bem o que narrei aqui, podendo destacar que o nome do guardião que usara a mediunidade de Tetê Souza, reverberava na minha mente. Prefiro não revelá-lo aqui, pois não tive autorização para isto. Mas, aquele nome, que eu julgava ser de origem africana, despertou a minha curiosidade. No dia seguinte, fiz uma pesquisa na Internet, usando uma possível grafia que supus do nome comunicado no Astral. Descobri que o termo, hoje em dia, é um sobrenome na Nigéria, país situado no Oeste da África.

DATA: março de 2010

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

O relato é, em grande parte, autoexplicativo. Vou me ater ao nome pelo qual o guardião de Tetê Souza foi chamado: “Olokuba”. Hoje apresento o nome completo, que, naquela época, senti que não deveria revelar, por um motivo que desconheço. Como descrito acima, “Olokuba” hoje é um sobrenome africano. Não sei se há um significado para este termo, mas sei que é um sobrenome, pois o encontrei pelo Google, através de uma busca. Quem quiser conferir, tenho a seguinte

referência de um trabalho publicado em revista científica médica (Sahel Med. J. 10: 6-10, 2007), com o seguinte título (traduzido do inglês): “Curso em uma instituição médica terciária no Norte da Nigéria: perfil dos pacientes e preditores de desfecho”. Os autores do referido estudo são: Wahab K.W., Sani M.U., Samaila A.A., Gbadamosi A. e Olokuba A.B. Como numa citação científica, o sobrenome vem à frente do nome, percebe-se que o último autor do trabalho é A. B. Olokuba. Ou seja, Olokuba é o sobrenome de um médico nigeriano, isto é, consiste num sobrenome daquele país africano. Uma das etnias que originaram a atual Nigéria é o grupo chamado iorubá (nação nagô). Por aí vemos as raízes africanas do Candomblé e também da Umbanda, sendo esta última uma corrente espiritualista muito variada, agregando espíritos que tiveram encarnações como indivíduos de povos europeus, indígenas, africanos, dentre outros.

RELATO 25 – UM SUICIDA?

Eu tinha passado uma semana difícil. Dormi mal em algumas noites. Acordava, pela manhã, com dores pelo corpo. Durante o dia, tive períodos de tonteira e mau humor. No meu ambiente de trabalho, tudo o que realizei, foi com certo sacrifício.

Na sexta-feira fui à casa de Tetê Souza, médium amiga, que logo após ter contato comigo, declarou não estar se sentindo bem. Ela queixou-se de uma dor de cabeça e, inclusive, que passou a ter vontade de vomitar. Então, resolvemos lançar mão de um banho de ervas (que auxilia na limpeza de miasmas astrais, por exemplo) e realizamos algumas orações, na busca de uma “força extra” da Espiritualidade. Após isso, houve uma melhora significativa nos sintomas, possibilitando uma noite de sono com maior qualidade.

Logo que me deitei, adormeci. Na madrugada, levantei-me brevemente para beber água. Voltei a dormir e, involuntariamente, projetei-me. Estava lúcido numa localidade, onde podia ver um senhor idoso, no alto de um poste de iluminação pública, bradando que iria se jogar. Ele queria se matar. A cena era inusitada. Como aquele homem, que aparentava ter cerca de 80 anos terrenos, chegara até ali? Somente no Astral aquilo seria possível (ou minha mente me pregava uma peça).

Bem, logo surgiu um homem de meia idade, o qual eu sabia ser uma espécie de “prefeito” do lugar, que se dispôs, ele mesmo, a dialogar com o ancião e mudar a sua vontade de se suicidar. Houve sucesso na empreitada, embora eu não recorde exatamente como o velho fora retirado do poste.

Em seguida, o idoso foi trazido até a mim. Ele estava muito triste e com uma aparência de esgotamento. De perto, notei que era completamente calvo. Sua pele trazia manchas avermelhadas, como se tivesse apresentado anteriormente feridas que se cicatrizaram, cujas cascas já tivessem caído. Então, automaticamente, perguntei-lhe: “O senhor já ouviu dizer que a felicidade não é deste mundo?” A minha pergunta retirou o homem de seu estado de torpor, que rapidamente se desmanchou em lágrimas. Fiquei quieto por um tempo, permitindo-lhe chorar um pouco mais. A seguir lhe transmiti que, embora a vida não seja fácil, podemos reduzir as dificuldades através de escolhas mais inteligentes.

Na sequência, já refeito de suas lamentações, a entidade aceitou acompanhar-me. Levei o ancião até dois homens de pele clara e fisionomias um tanto “fechadas”. Estes seres sisudos compreendi que eram guardiões da Corrente Astral de Umbanda. Apresentei a eles o idoso, que agora estava mais colaborativo, aceitando ir com os guardiões até um local adequado para a sua recuperação. Despertei logo depois.

Então, tracei duas hipóteses para a situação. Na primeira, seria possível que o velho homem havia se suicidado, mas não sabia que havia falecido de fato. Portanto, ainda desejava se matar. Na segunda hipótese, o idoso deveria ter ideias suicidas, mas havia desencarnado por alguma doença e não sabia. Neste caso, acreditando-se vivo na matéria, mantinha a vontade de acabar com a própria vida, em pleno Astral. Não sei exatamente o que ocorreu com aquele ser humano, mas percebi que fora ele que havia me acompanhado durante aquela semana difícil, que narrei no início deste relato. Suas energias e sentimentos desequilibrados causaram-me grande desconforto, mas espero que toda essa ocorrência traga um final feliz para ele, mais à frente em sua jornada.

DATA: 11/12/2010

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Neste relato, fica evidente uma das atividades típicas dos exus, no Plano Extrafísico, que é a de encaminhar entidades desequilibradas perdidas. O espírito daquele senhor precisava do contato com um médium encarnado, como eu, para que as suas vibrações mais densas fossem transformadas e, além disso, necessitava de um esclarecimento ou um choque de realidade, do qual fui instrumento. Sobre os guardiões que citei nessa experiência, naquela época não revelei suas vestimentas. Eles simplesmente trajavam ternos negros, diferentemente do que muitos acreditam, que é o uso de capas, cartolas, tridentes etc. Ou seja, nem sempre os exus se apresentam da mesma

forma, porque plasmam sua roupagem conforme a necessidade do momento.

RELATO 26 – O CABOCLO

Num determinado dia, no início de 2011, fui deitar-me sem qualquer intenção de projetar-me. Para minha surpresa, em certo momento da noite, estava lúcido no Astral e fui abordado por uma entidade da corrente umbandista. Era um antigo conhecido de minha parte e ele logo me disse: “Vou levar você para conhecer a minha casa!”

O guia espiritual apresentava-se como um índio, chamado na Umbanda de “caboclo”. Eu atuara mediunicamente com ele por alguns anos. Embora eu estivesse afastado dos trabalhos espiritualistas desta linha, por um tempo significativo no Plano Terreno, no Mundo Extrafísico as atividades continuavam.

E ele, o caboclo, me conduziu até um lugar montanhoso. Logo adentramos uma ampla caverna. Não recordo agora, enquanto transcrevo este relato, como chegamos até a localidade. Aliás, no Astral, já percebi quatro formas diferentes de deslocamento até hoje: o voo ou volitação; o simples caminhar, como fazemos no Mundo Material; a movimentação através de saltos (maiores ou menores conforme a relação entre as “densidades energéticas” do corpo astral e do ambiente circundante); e uma locomoção instantânea, onde simplesmente pensamos num lugar e, de imediato, lá estamos. Bem, como comentei, no caso deste “passeio” com o amparador da Umbanda, não pude lembrar claramente de que forma se deu o deslocamento, mas desconfio de que foi um translado instantâneo.

Uma vez dentro da grande caverna, vi que uma tribo inteira estava ali. Havia pessoas com várias idades aparentes, homens e mulheres, crianças também. Pude observar seus apetrechos, como cuias e vasos, dentre outros, e até notei os restos apagados de uma fogueira. Eu caminhava pelo local muito admirado, e ao mesmo tempo feliz por estar na companhia daquele guia e amigo espiritual. Não é possível dimensionar o tempo que permaneci naquele ambiente. Recordo que conversei com o caboclo, mas o conteúdo da prosa já escapou da minha memória.

Quando retornei ao corpo denso, estranhei a experiência, pois não fazia sentido para mim que, aquelas entidades, ainda mantivessem no Astral o estilo de vida que tiveram na Terra, num passado já relativamente distante. Após algum tempo meditando, concluí que, possivelmente, o caboclo me possibilitou o acesso aos chamados “registros akáshicos” (conjunto de fatos ocorridos

ao longo da história, que ficariam armazenados no Mundo Espiritual ou “Éter”). Talvez ele tivesse feito isso, de maneira que eu compreendesse um pouco de sua origem, e porque usava ainda uma aparência indígena.

Mais tarde, realizei uma busca na Internet e encontrei artigos sobre a existência pretérita de tribos de índios, no Sul do Brasil, que viviam em cavernas. Meses depois, acabei por assistir a documentários sobre etnias indígenas da América do Norte, que também viviam em cavernas, no passado. Qual a origem do meu amigo caboclo? Não sei ao certo, mas recorro de um dos pontos cantados (cânticos de Umbanda), que a entidade entoava, no qual parte da letra dizia: “... eu moro num lajedo...”. E lajedo significa pedra ou rocha de superfície plana, ou seja, ele já assinalava, por inúmeras vezes, enquanto incorporado, que habitara em localidade rochosa (a caverna que pude vislumbrar no Astral).

DATA: janeiro de 2011

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

As entidades que se utilizam da forma indígena, os chamados “caboclos”, não reencarnaram sempre entre as várias etnias que existiram e ainda existem no Plano Terreno. Esses espíritos também já tiveram vidas físicas entre europeus, asiáticos, africanos etc. Assim, foram colhendo experiências diversas, até atingirem um bom grau de sabedoria, de maneira a estarem capacitados a serem guias de Umbanda. O médium umbandista, através da projeção astral, pode ter a oportunidade de um contato face a face com um caboclo, ou entidade de outra linha, de modo a compreender quem faz parte de sua egrégora espiritual.

RELATO 27 – “PUXÃO DE ORELHA”

Eu estava no meu trabalho material, quando recebi um telefonema. Avisaram-me que deveria descer à portaria, para conversar e esclarecer a dúvida de uma pessoa. Era um professor universitário aposentado, que eu conhecera no próprio ambiente de trabalho, anos atrás. Cumprimentei-o, apertando a sua mão, e passei a ouvi-lo. Após ter “trocado ideias” com ele por cerca de 20 minutos, peguei o elevador, voltando ao meu posto de trabalho. Agora, eu estava com uma dor de cabeça incipiente, na base do crânio, junto ao pescoço. Durante o próprio diálogo com o

professor, já sentira uma forte pressão nesta região, logo depois do cumprimento. No resto da tarde, fiquei com o desconforto daquela dor, que crescia paulatinamente.

Fui para casa e a dor continuou, mesmo após o banho e a refeição noturna. Deitei-me neste estado, acreditando que a possível “carga bioenergética negativa”, que teria absorvido do professor, pudesse ser transmutada durante o sono (outras vezes procedi assim, em situações semelhantes, com sucesso). Possivelmente, ele estava acompanhado de algum desencarnado desequilibrado, pois o aposentado, pesquisador de reconhecido sucesso em sua área, apresentava uma certa confusão mental, que constatei durante a conversa. Bem, esta não era a primeira vez, nem seria a última, que eu teria assimilado “energias deletérias” de outras pessoas, neste percurso mediúnico-cármico da minha vida.

Adormeci rapidamente. Foi uma noite conturbada, com pesadelos e vários despertamentos. Em algum ponto da madrugada, projetei-me. Estava caminhando por região sombria, tentando resolver algo. Era uma típica localidade umbralina, com predominância de névoa por todos os lados. Após um lapso de memória, recordo que estava em outro ambiente menos denso energeticamente, onde três entidades (duas masculinas e uma feminina) me davam um “puxão de orelha”. Não lembro exatamente de todas as palavras, mas uma frase que ficou bem registrada foi: “Você não pode ir àquele tipo de lugar, sem um de nós!”

Em seguida, retornei ao corpo. Mas, logo peguei no sono novamente. Não demorei a me projetar e, desta feita, aparentemente voltei a mesma área umbralina, com toda aquela névoa, mas estava acompanhado por uma entidade amiga. Eu caminhava com um menino de idade aparente entre cinco e seis anos. Ele era branco, tinha olhos azuis e cabelos cacheados loiros. Íamos pelo meio da penumbra, sendo que ele estava a minha direita, com um semblante bastante sereno. Eu sabia que agora iria resolver a questão pendente naquela região. No entanto, provavelmente pela própria densidade energética do local, tive dificuldades de rememorar o restante da experiência.

No dia seguinte, após os afazeres normais da manhã, lembrei-me de uma viagem astral que realizara ao Umbral, em outra oportunidade, anos atrás. Foi uma tentativa de ajudar a um amigo, que passava por várias dificuldades. E naquela vez eu retornara ao corpo com grande desgaste energético e sintomas físicos desagradáveis (fraqueza, tonteira e náuseas). Por sorte, era dia de eu ir a uma sessão espiritualista, onde o problema foi sanado. Cabe comentar que, naquela reunião, nenhum médium sabia da minha experiência ruim no Astral. Lá, um guia da Umbanda incorporado veio falar comigo, advertindo-me de que eu não deveria ir em certas regiões umbralinas, para resolver questões, sem o auxílio de entidades guardiãs. Naquele dia, eu constatei que ser voluntarioso demais nos submundos astrais não é atitude muito inteligente.

Voltando ao relato original e finalizando-o, chamo a atenção para o meu acompanhante na experiência em tela: o espírito na forma de um menino. Algumas entidades usam aparências surpreendentes no Astral, e aquele amparador se apresentou como um garoto angelical. Normalmente, seres que trabalham no Umbral usam formas mais intimidantes ou sisudas. Contudo, recordei-me deste mesmo amparador com aparência de criança, que havia me ajudado, anos atrás, numa outra incursão em localidade umbralina. Não era a primeira vez que ele atuara deste jeito, um tanto original.

DATA: 23/02/2011

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Ao longo do tempo, fui aprendendo que não se pode resolver problemas no Astral Inferior sozinho, abusando das próprias bioenergias. Devo às entidades da Umbanda este esclarecimento, porque eu era um tanto impulsivo fora da matéria. Na passagem em que eu assinalo que, durante uma sessão espiritualista, um guia me alertou para este fato, revelo agora que foi o Caboclo Pena Verde. Acrescento que as entidades do Umbandismo atuam fortemente com médiuns desdobrados. Os guias e protetores da Umbanda, nesse contexto, precisam que os médiuns dessa corrente estudem este tema, para compreendê-lo e se tornarem mais preparados para colaborar no Plano Extrafísico. Quanto ao espírito da Linha das Crianças, que me acompanhou no ambiente umbralino, pertence à falange de Crispiniano. Os chamados ibejis e erês têm grande força espiritual, podendo realizar suas atividades em diversos níveis vibratórios.

RELATO 28 – A SURPRESA

Despertei na cama após um sonho. Levantei-me e fui ao banheiro. No retorno tive sede e bebi água, por meio de uma caneca que fica do lado de minha cama. Lembro que contei o número de goles (cinco). Deitei-me novamente, mas havia um barulho de motor na rua, em plena madrugada. Era uma aceleração contínua, que não me permitia dormir. Peguei dois protetores auriculares e tampei meus ouvidos. Mesmo assim, ainda ouvia o motor. Resignei-me e procurei relaxar para dormir. Aos poucos o barulho foi sumindo e apaguei.

Depois de um tempo indefinível, tentei levantar da cama novamente, por um motivo que

não recordo mais. Como o movimento para erguer-me foi muito rápido, tropecei e fui ao chão, caindo de quatro. Ao ter o impacto no chão, reparei que não senti dor. Logo pensei que havia me projetado, pois senti uma energia de tração em direção à cama, que estava logo atrás. Ergui-me com alguma dificuldade e fui à frente para a saleta do meu apartamento. Ali, de pé, estava feliz por estar fora do corpo com lucidez. Desejava fazer testes no ambiente, mas, antes disso, retornei à porta do quarto para ver meu corpo na cama. Na penumbra do ambiente, divisei meu corpo no leito como uma extensa sombra. Rapidamente voltei à saleta, pois eu sentia o magnetismo me puxando em direção ao corpo. Se ficasse ali, observando-o na semiescuridão, para tentar vê-lo melhor, poderia reacoplar-me a ele, interrompendo a experiência.

Então, passei aos testes no ambiente. Fui a um interruptor e toquei-o. Eu estava bastante densificado. Mas, a luz não acendeu. E raciocinei que aquilo era óbvio, pois eu estava fora do corpo e o interruptor material não poderia responder ao meu toque (na verdade eu havia tocado a contraparte astral do objeto físico). Repeti o gesto em outro interruptor e, logicamente, a lâmpada não acendeu. Minha lucidez flutuava um pouco. Então, dirigi-me ao banheiro, com a intenção de ficar de frente ao espelho. Assim o fiz, mas, para minha surpresa, pude notar os contornos de meu rosto na superfície do espelho, na penumbra do local. Raciocinei, naquele momento, que a minha mente estava me pregando uma peça, pois, em tese, eu não deveria me ver no espelho físico. No entanto, pensei que havia a contraparte astral do espelho e, nesse contexto, por que ele não funcionaria?

Em seguida, pensei em sair do meu apartamento, atravessando a janela ou a própria parede do quarto de dormir, para voar sobre a rua. Mas, não fiz isso, pois logo imaginei que se passasse muito perto do meu corpo físico, na cama, retornaria a ele. Então, fui em direção à porta de saída do apartamento. Tencionava atravessá-la. Contudo, ao encostar minha mão nela, senti a porta bem sólida. Eu estava muito denso, mas não me conformei. Usei minha força de vontade, afirmando que atravessaria a porta. Concentrei meu pensamento e forcei a porta com minha cabeça e ombro. E comecei a transpô-la com alguma dificuldade, até que fiquei com boa parte do tronco e a cabeça para fora do meu apartamento. No entanto, o Mundo Astral nos prega peças! Surpreendentemente, não estava atingindo o lado externo do meu apartamento, mas sim me encaminhando para uma outra dimensão energética.

Ali, ainda com a metade do meu corpo atravessado na porta, pude ver que o ambiente externo era um local com várias pessoas, a maioria mulheres, que conversavam entre si num cenário semelhante a uma galeria comercial. De alguma forma, pelo meu esforço em tornar-me mais sutil vibratoriamente, fui atraído para aquela localidade. Uma das paredes tinha uma vitrine. Era um

local, onde as pessoas estavam conversando com alegria. Aquilo me agradou. Eu estava surpreso e logo atravessei a porta sem maiores dificuldades. Fui contagiado pelo clima de satisfação das pessoas e, em especial, pelo olhar feliz de uma moça jovem morena, que usava um vestido até as canelas. Seu sorriso era simpático e a impressão que eu tinha é que irradiava uma energia acolhedora e prestativa. Observei com algum cuidado todas aquelas pessoas em harmonia e reafirmo a minha surpresa, pois geralmente quando saio do corpo é para realizar tarefas em áreas umbralinas.

Contudo, apesar de eu estar num recinto agradável, desejei ir para a via pública. Eu queria encontrar-me com um guardião da Umbanda. Lembrei-me dele não sei o porquê, firmando o pensamento em encontrá-lo. Logo que desejei estar na rua, instantaneamente surgiu no ambiente externo. Porém, esta via não era clara como o lugar anterior. Não sei onde fui parar, mas era uma grande avenida que tinha um grande canal no meio, semelhante a uma parte da Avenida Presidente Vargas, no Centro do Rio de Janeiro. Para minha surpresa, notei que fui seguido pela simpática moça morena. No entanto, preferi ignorá-la, focando em encontrar a entidade masculina, que era um guardião da Umbanda, um velho conhecido meu.

Pensei em gritar o seu nome, invocando-o. Olhei a longa avenida, planejando deslocar-me até algum ponto específico onde o chamaria. Mas, em vez de bradar o seu nome, preferi fazer uma invocação mental. E logo fui atendido! Porém, não do jeito que eu esperava! A jovem que me seguia de perto, agora de cabeça baixa, respondia a minha invocação, com uma pergunta: “Está surpreso com a minha roupagem?” Reconheci a sua voz soturna, um tanto rouca e masculina. Aproximei-me do guardião para conversar com ele, mas logo senti meu corpo na cama.

Estava de volta ao Mundo Físico, com alguma decepção. Queria dialogar com a entidade, mas o espírito apenas quisera apresentar-se a mim com outra aparência. Compreendi que foi uma espécie de teste, onde eu deveria entender quem ele era, apesar de usar uma forma diferente e feminina. Acho que fui reprovado, mas ficou a lição prática de que as aparências enganam. No Astral (e na Terra também), devemos buscar a essência e não nos deixar ludibriar com a forma externa.

DATA: 04/07/2013

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Para um esclarecimento mais detalhado desta experiência, cabe trazer um pouco do que aconteceu alguns dias antes dessa projeção astral. Eu estava fazendo uma firmeza numa porteira, colocando marafo (cachaça) em intenção ao Sr. Tranca-ruas da Almas. No entanto, no momento em que eu fazia o procedimento, depusitei o copo no lado oposto, onde tradicionalmente se punha bebida para as senhoras pomba-giras. Logo que percebi, pedi desculpas ao guardião, recolocando o marafo no lado correto. Ouvi sua gargalhada e senti que, na realidade, onde quer que eu pusesse a cachaça, ele a receberia de bom grado, para executar seus trabalhos. Creio que foi devido a este contexto que, dias depois, o Sr. Tranca-ruas me induziu a encontrá-lo no Astral, conforme apresentado acima. Cabe ainda salientar, que os exus de maior evolução alteram as suas aparências facilmente, de acordo com o seu foco mental, em resposta às necessidades do trabalho que estejam executando. Assim, há guardiões que, por exemplo, ora se apresentam como pessoas comuns, ora como figuras amedrontadoras. Eles podem estar numa vibração sutil, invisíveis ao ser humano comum projetado, ou se densificar vibratoriamente, para neutralizar diretamente forças negativas em regiões umbralinas.

RELATO 29 – INFLUÊNCIA SOBRE UMA PESSOA

Eu tinha acabado de psicografar mais um capítulo do livro “Guardião”, que foi lançado em 2014. Deitei sem pensar em me projetar, porém o espírito autor do livro citado ainda estava presente. Ele me falou que iria me dar um presente, não distinguindo o que seria. Não imaginei o que pudesse ser e, desta forma, entreguei-me ao sono.

Em algum momento da madrugada, estava no quarto de uma moça jovem desconhecida. Ela dormia em sua cama e minha lucidez era limitada. Entretanto, notei que eu havia sido colocado junto àquela moça para uma doação bioenergética. Alguma entidade estava utilizando meu ectoplasma para auxiliar a jovem. Ali, mesmo passando por momentos de semilucidez, captei suas emoções e pensamentos um tanto desnorteados. O estilo de vida da moça era agitado. Era uma pessoa ansiosa, com muitas dúvidas e agia ao sabor das circunstâncias, sendo bastante influenciável. Faltava-lhe foco na vida e percebi que tinha assuntos mal resolvidos, também, em seu campo emocional. Depois que identifiquei essas questões, apaguei.

Num dado instante, após o período de lapso de memória, adquiri uma grande lucidez. Agora, estava numa calçada de uma via de movimentação intensa e rápida de carros. Notei quando

um passou em alta velocidade, especialmente perto da calçada. Olhei para o céu, de um azul puríssimo, percebendo grande luminosidade no ambiente. Exclamei para mim mesmo: “Caramba, estou projetado! E isto aqui é Botafogo!” Reconheci rapidamente o bairro, que se localiza a pouca distância de minha residência.

Logo pensei: “Tenho que aproveitar a oportunidade e fazer algum tipo de teste.” Então, olhei a minha volta e, à direita, me chamou a atenção a presença de uma jovem de vestido azul, até os joelhos. Mas, a sua imagem estava um tanto desfocada e o motivo era que eu estava tão próximo dela, que parte do meu corpo astral (braço e tórax) atravessava o veículo físico da moça. Subitamente, questionei: “Será que consigo influenciá-la? Será que ela poderá sentir a minha presença?” Em ato contínuo ao raciocínio, abracei-a, tentando perceber se ela notava algo diferente. Em seguida, de uma forma automática, belisquei o seu pescoço. Senti uma textura elástica, que deveria pertencer ao seu corpo astral. Então, ouvi um murmúrio da parte dela, demonstrando um desconforto devido ao meu beliscão. Com isso, fui repellido energeticamente por ela e logo eu estava acoplado ao meu corpo físico.

Abri os olhos, no meu leito, decepcionado por não ter conseguido prolongar a experiência fora do corpo. Porém, ao mesmo tempo, estava feliz por ter provocado um efeito visível em alguém encarnado e em estado de vigília. A sensação de repulsão que senti, também foi bastante interessante. Deve ser mais ou menos isso que acontece, quando um obsessor é repellido pela pessoa encarnada assediada.

Busquei a janela do meu quarto e o céu estava no mesmo tom de azul, muito bonito, que eu divisara fora do corpo, na dimensão imediata ao Plano Físico. A claridade era também intensa e típica de um dia de verão carioca. Em seguida, olhei para o relógio e constatei que eram 7:15 h da manhã. Rapidamente, passei a fazer as anotações sobre a experiência. Enquanto eu escrevia, antes de ir ao trabalho, notei a presença do espírito Guardião. Ouvi ele rindo e passou-me que fora ele que havia me levado para esta atividade no Astral. Em resumo, este foi o presente prometido na noite anterior. Ou seja, a entidade me levou para uma assistência espiritual à moça de madrugada. E pela manhã, quando ela possivelmente se dirigia para o seu trabalho, com a minha pessoa ainda conectada energeticamente a ela, em plena rua, fui intuído pelo Guardião a tentar a influência sobre a jovem.

DATA: 30/01/2014

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

A experiência, em si, é bastante autoexplicativa, mas posso assinalar algo sobre o espírito Guardião. Ele é um exu pertencente à chamada “Falange dos Caveiras”. Trabalho bastante com esta entidade no Astral, em várias de suas “camadas” vibracionais mais densas. Esta foi a primeira vez que tive a chance de tentar influenciar alguém encarnado, no estado de vigília comum do dia a dia. Agradeço a oportunidade ao Guardião.

RELATO 30 – OBSESSOR NA CASA

Estava na residência de Tetê Souza, naqueles dias da copa do mundo de futebol. Eu assistia a um jogo na TV, à tarde, quando duas amigas dela bateram no portão. Adiantei-me para atendê-las, pois a dona da casa estava ocupada na cozinha. Elas vinham para que a Tetê, que é da área de enfermagem, aplicasse uma medicação intramuscular em uma delas.

Após conversarem por alguns minutos, a injeção foi aplicada. Depois que as senhoras foram embora, Tetê comentou comigo que suas visitas estavam carregadas com negatividade, pois sentira um forte mal-estar durante parte da conversa.

Mais tarde, o relógio marcou 22:30 h e eu, Tetê e a sua filha Fabíola nos recolhemos para dormir. Tive uma noite péssima, despertando várias vezes. Havia algo de errado no ambiente. Quando a madrugada apresentava as primeiras luzes do dia, em nascimento, despertei mais uma vez e fui ao banheiro. Voltei a deitar-me, muito cansado pela noite difícil. Além dessa situação, eu não estava bem de saúde, pois alguns problemas gástricos me acompanhavam por cerca de quatro meses. Rapidamente adormeci e tive alguns pesadelos, que me fizeram acordar duas ou três vezes, para, então, tornar a apagar.

Porém, num dado instante do sono, ganhei razoável lucidez no quintal da casa, junto à garagem. Ao meu lado, estava um homem parecido com um primo meu. Ele me levou até próximo ao final da garagem. Senti algo negativo, proveniente daquele canto tão escuro. O homem que me conduziu, chamou a minha atenção, falando: “Olha ali!” Logo depois, vi surgir, daquela verdadeira nuvem negra na parte de trás da garagem, um rosto de um homem branco, com barba castanha. Sua fisionomia era típica de uma pessoa muito aborrecida. Não demorou e ele se adiantou, saindo da obscuridade de corpo inteiro. A partir dele, vinha uma espécie de onda de energia negativa, que denunciava a atmosfera de insatisfação por estar ali.

Rapidamente, compreendi que ele havia ficado preso dentro da residência da Tetê Souza, desde o dia anterior, quando viera acompanhando as duas mulheres. Pelo que pude entender, ele ficou retido no local, pelos guardiões que protegiam a casa da amiga médium. O homem que parecia ser meu primo, na verdade era um dos guardiões do lugar. Este tipo de experiência, eu já havia passado antes em minha própria residência. Os médiuns ostensivos da Corrente Astral de Umbanda, com alguma frequência, passam por esta situação, pois suas entidades protetoras costumam trabalhar na captura e encaminhamento de desencarnados problemáticos. Após ver o assediador, despertei na cama em definitivo.

DATA: 20/06/2014

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Aqui temos mais uma experiência bastante autoexplicativa. Apenas acrescento que este relato demonstra, com clareza, o caráter cármico da mediunidade de Umbanda. Numa situação como essa, em que Tetê Souza já estava prestando um serviço inteiramente gratuito, de aplicar a medicação intramuscular semanalmente, além disso, realizava involuntariamente um processo desobsessivo sutil. Naquela oportunidade, tanto as bioenergias dela, quanto as minhas, foram utilizadas para a neutralização e encaminhamento da entidade perturbada. Este tipo de evento acontece, com grande frequência, aos médiuns umbandistas, nas mais inusitadas situações.

RELATO 31 – LUTANDO POR LUCIDEZ

Mais uma vez, eu acordava de madrugada. Meu estômago exigia algum “combustível” e eu tinha que obedecer, de modo a evitar que uma impertinente gastrite se instalasse novamente. Desci do segundo andar da casa de Tetê Souza, em busca da cozinha. Fiz uma rápida refeição e voltei à cama, no andar de cima. Eram 4:30 h da madrugada e agora o sono não voltava facilmente. Somente depois de, talvez, cerca de 30 minutos, adormeci. Passei a ter sonhos simbólicos e mais uma vez despertei. O meu sono não tinha qualidade, estando muito superficial, mas acabei dormindo novamente.

Momentos em seguida, eu estava fora do corpo. Percebi isso, pois meus braços astrais formigavam, ou seja, havia um estado vibracional (EV) localizado nesses dois membros, o que

aguçou a minha lucidez. A partir disso, passei a lutar por aumentar o meu grau de consciência. Tentei compreender onde estava. Procurei pela minha cama e não a achava. A visão mantinha-se limitada e, além do mais, notei imagens oníricas no entorno.

Então, surgiu uma entidade vinda da penumbra ambiente, que aproximou-se de mim de forma tranquila. Era um homem com idade aparente de cerca de 35 a 40 anos, branco, com cabelos lisos curtos e negros, bem penteados. Tinha uma barba negra bem curta e modelada. Ele vestia uma camisa social e calça comprida negras. Notei que era um guardião de Umbanda.

Ele rapidamente mirou-me nos olhos e, em seguida, aproximou uma de suas mãos, em concha, que continha uma substância clara. Logo passou esta mão na parte de trás da minha cabeça (a nuca), esfregando brevemente. Na sequência, senti um cheiro intenso de cânfora, que é um aroma que muito me agrada. Este foi um curto período de boa lucidez extrafísica, possivelmente promovido pela influência da entidade. O guardião logo se afastou e voltei a lutar por aumentar a minha consciência, de modo a prolongar a experiência. Isso estava acontecendo, porque fazia vários dias que eu vinha despertando de madrugada, para comer algo, devido aos problemas gástricos. Assim, eu estava bastante cansado, o que se refletia em pleno Mundo Astral.

Logo depois, eu quis explorar o ambiente e verificar se havia mais alguma entidade no recinto. Porém, nem ao menos eu conseguia entender em que cômodo da residência eu estava. Após um tempo perambulando, deparei-me com conhecidas mesa redonda e cadeiras de madeira. Então, compreendi que não estava no segundo andar da casa, mas sim no andar térreo, onde tudo aconteceu. Entretanto, a projeção não perdurou. Em instantes, eu estava de volta a matéria.

Pela manhã, contei a experiência a Tetê Souza, descrevendo o guardião. Ela contou-me que o conhecia, pertencendo a sua egrégora de trabalhos espiritualistas. Ela acrescentou que aquela entidade vinha, há alguns dias, contribuindo para a minha melhora de saúde.

DATA: 04/07/2014

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Bem, através deste relato, confirma-se a atuação dos exus também em atividades de cura. Eles não funcionam apenas em trabalhos de policiamento e neutralização de assediadores espirituais, embora esse seja um dos focos principais. A gama de ação dos guardiões, na realidade, é ampla. Deixo um agradecimento especial ao Sr. Tranca Tudo das Almas, a entidade acima descrita,

que foi um dos guardiões que me ajudou no reequilíbrio da saúde, àquela época.

RELATO 32 – CRIANÇA COM DIFICULDADE

Após cerca de cinco anos sem atuar, de forma mais regular, num centro espiritualista, eu estava de volta à atividade plena, antes impedida devido a questões familiares mais urgentes. O retorno à ação mediúnica mais ostensiva, no Plano Terreno, logo demonstrou uma correspondência marcante no Mundo Astral. Em pouco tempo, passei a rememorar fragmentos de trabalhos acontecidos “do outro lado”, de cunho bioenergético denso.

Num final de semana na casa da amiga e médium Tetê Souza, que também estava participando do mesmo centro que eu, fomos dormir razoavelmente cansados. Naquele sábado, havíamos retornado da instituição espiritualista, onde fora dia de palestra e passes magnéticos. No entanto, parecia que havia algo a mais. Havia uma sensação de “peso”, desproporcional ao que tínhamos realizado no centro.

Pela madrugada, despertei para ir ao banheiro. Então recordei que, na manhã seguinte, por volta das 7:00 h, meu primo viria me buscar de carro, para votarmos no segundo turno das eleições presidenciais. A seguir, retornei à cama e logo adormeci.

Projetei-me, adquirindo lucidez num ambiente junto com a Tetê Souza. Ela estava mediunizada em pleno Astral com uma entidade da corrente umbandista. Conversei rapidamente com o guardião, através de Tetê, que assinalou a necessidade urgente de ajudar a uma criança. Acompanhei-o e, em breve, vi um garoto de pele e cabelos claros. O guardião, manifestando-se através da médium desdobrada, disse que ia se afastar dali, para fazer algo que não recordo mais. Fiquei no local, tomando conta do menino. Tentei interagir. Caminhei de mãos dadas com ele e depois deixei-o andar sozinho um pouco. Observei se ele iria querer brincar com algo. Notei que a criança estava muito passiva, um tanto alheia às coisas em volta. Peguei o menininho no colo e mirei seus olhos. Muito pouco ele me encarou ou interagiu. Parecia estar razoavelmente mergulhado num mundo próprio.

Depois a Tetê Souza, ainda mediunizada pelo guardião, reapareceu com informações. Porém, a minha condição de rememoração não foi das melhores. Despertei um pouco antes do relógio tocar e fui me arrumar para aguardar meu primo. Ele chegou na hora marcada, quando eu e Tetê tomávamos café. A médium queixava-se de ter algumas dores pelo corpo. Expliquei-lhe

resumidamente sobre a experiência extrafísica, da qual ela nada recordava, até porque estava profundamente mediunizada no Astral, o que reduziu a sua lucidez. Meu primo, que também estava frequentando o mesmo centro, entrou na conversa, indagando como era a criança, se era um menino. Eu respondi, de bate-pronto, que sim. Então, ele perguntou se tinha mais ou menos quatro anos de idade e eu afirmei que, aparentemente, sim. A seguir, ele interrogou se o garoto era bem branquinho e de cabelos loiros. Eu confirmei.

A partir disso, meu primo nos explicou que sabia do que possivelmente seria. Segundo ele, deveria ser um caso que ele acompanhava no nosso centro, onde uma mãe que esteve grávida uns anos atrás, ficou viúva durante a gravidez. Seu filho nasceu bem fraquinho, naquelas circunstâncias. Agora, ela frequentava o centro em busca de ajuda, pois mesmo depois de anos ela sentia a presença entristecida do pai do garoto, em sua residência. Tudo indicava que ele não havia se desprendido do lar e sua proximidade causava melancolia e um desenvolvimento muito limitado da criança.

Fiquei surpreso com as informações do meu primo, porque eu e Tetê não estávamos em contato com este caso, já que eu e ela frequentávamos o centro somente nos dias de trabalhos mediúnicos ou de palestra. A jovem mãe e seu filho estavam indo, fundamentalmente, nos dias destinados à terapia, quando o meu primo atuava mais intensivamente. E ele ainda colocou que, possivelmente, o guardião da Tetê Souza estava tentando, no Astral, reduzir a influência do pai falecido. Comentei que era uma hipótese razoável e que o mal-estar que sentimos, no dia anterior, seria justificado por esta densa corrente vibratória, colocada sobre nós, de forma a ajudar no encaminhamento do desencarnado em desequilíbrio.

DATA: 20/10/2014

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Aqui está apresentada uma experiência de atividade típica de exus, que é o objetivo de afastar uma influência negativa sobre alguém encarnado. Porém, nem sempre o espírito que prejudica alguém na Terra o faz de propósito, como bem exemplificado neste caso, em que o pai falecido, em depressão pela situação, desejava estar próximo da família e, em especial, do filho (isto foi confirmado pelo dirigente espiritual do centro). Os exus, nessas situações, precisam da presença bioenergética dos médiuns. Assim, podem realizar a tarefa com maior eficiência, pois a densidade vibratória de desencarnados em constante contato com seus familiares, no Plano Físico, é elevada,

devido à absorção, ainda que involuntária, das bioenergias dos parentes encarnados. E para deixar registrado, o guardião em atuação no relato foi o Sr. Tranca Tudo das Almas.

RELATO 33 – PASSEIO ENERGIZANTE

Era uma quinta-feira, na qual pude chegar mais cedo do trabalho. Uma vez em casa, realizei alguns afazeres indispensáveis. Só mais tarde tomei um banho. Enquanto o chuveiro funcionava, passei a pensar sobre um livro (“Guardião”) que eu vinha psicografando, mas cujo autor espiritual interrompeu o trabalho, havia algumas semanas. Obviamente que ele respeitava um período no qual eu estava muito atarefado, no meu emprego. Não sobrava muita energia, de minha parte, para psicografar no final de cada dia.

Depois do banho, jantei. Logo em seguida, resolvi reler aquilo que o espírito Guardião havia passado até então. Ao final da leitura, ouvi a voz do amigo espiritual. Senti um fluxo de energias, que identifiquei como um processo de limpeza em meu campo áurico. Depois disso, senti sono e fui me deitar. Rapidamente adormeci.

Num dado momento, percebi-me projetado numa localidade agradável. Não sei como fui parar ali, mas, provavelmente, deveria ser em função da interferência positiva do autor do livro. Eu estava numa rua limpa e com árvores esparsas. Caminhava despreocupadamente, pois notava que o ambiente era amigável. O local era residencial, pois a rua era ladeada por casas comuns ou sobrados.

Em determinado instante, notei que estava sendo seguido. Olhei para trás e vi uma mulher mulata, com um vestido estampado, cujo desenho trazia minúsculas flores coloridas. Com ela, vinha uma menina que parecia ser sua filha, com semelhantes traços faciais e vestimenta. Não as abordei, preferindo continuar meu passeio pelo lugar agradável. No entanto, num certo momento, senti uma corrente de energias atingir-me pelas costas. Tive a sensação de receber um banho refrescante. Meu corpo astral ficou mais leve e sobretudo a base do crânio e a cabeça, como um todo, pareceram resfriar-se.

Então, parei a caminhada justamente debaixo de uma árvore, de modo a avaliar o bem-estar que estava sentindo. Olhei para trás e as entidades femininas também pararam a cerca de sete metros. Conversavam entre si, parecendo-me que desejavam ocultar algo de mim. Compreendi que a boa energia que eu recebera, tinha partido delas. A suposta mãe, agora mostrava em suas mãos

duas argolas metálicas, com muitas chaves em cada uma, explicando algo a menina. Mantive-me parado, aproveitando a leveza e tranquilidade, quando senti algo na minha cabeça. Passei a mão direita nos meus cabelos e constatei que haviam pequenos glóbulos entremeados. Retirei um e o examinei. Era como uma pequena flor amarelada, semelhante à camomila. Fui mexendo nos cabelos e percebi que haviam diversas flores e botões florais. Olhei para cima, mirando a copa da árvore, debaixo de onde estava, pensando na possibilidade daquelas flores terem caído na minha cabeça. Porém, não observei nada parecido, apenas vendo folhagem bem verde.

Deste modo, resolvi ignorar a investigação. Achei melhor apenas aproveitar aqueles momentos de bem-estar. Tornei a caminhar pela localidade, até que, em instantes, despertei no corpo físico. Eu sentia-me muito bem, em plena madrugada. Sabia, interiormente, que de alguma forma recebi uma ajuda extra dos amigos espirituais, já que andava desgastado ultimamente.

DATA: 06/02/2015

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Há bons indícios de que esta experiência foi iniciada pela ajuda do espírito Guardião, um exu da Umbanda. Porém, fica-me a dúvida, até hoje, de quem são aquelas entidades femininas que me auxiliaram energeticamente. Contudo, tenho convicção de que ambas pertencem à egrégora umbandista, apesar de eu não ter compreendido exatamente em qual linha vibratória atuam. Resta-me apenas agradecer.

RELATO 34 – A GRANDE CAPTURA

Projetei-me mais uma vez, espontaneamente, numa noite em que nada planejei. Havia ido dormir sem realizar exercícios projetivos. Recordo de estar numa extensa área, ao ar livre, acompanhado de pessoas de minha convivência. Todos éramos participantes de um grupo espiritualista, no qual havíamos ingressado recentemente. Somávamos quatro pessoas: eu, Tetê Souza, Fabíola e um rapaz que agora não consigo distinguir a identidade. A localidade era um ambiente meio rural, com extensos gramados e árvores esparsas. Eu sabia que ocorreria uma espécie de *blitz*, em breve, para que fossem presas entidades inamistosas.

Caminhamos até chegarmos a um prédio baixo, onde nos abrigamos por um tempo. Dentro da construção, próximo à portaria, abordei um homem fardado, sentado a uma mesa aparentemente de madeira escura, que parecia ser um policial ou militar. Falei-lhe da minha preocupação com o meu grupo, já que a operação de captura deveria ser tensa, com possibilidades fortes de confusão e luta. Então, para minha surpresa, ele respondeu: “Senhor, eu já informei que entre 2:00 e 4:00 h (da madrugada) a operação vai ser executada. Assim, fora desse período, é mais seguro.” Ele me disse isso e ainda escreveu num papel o horário narrado, para eu entender claramente, enquanto ele fazia a explicação. Fiquei um pouco envergonhado, pois acabei recordando que, momentos antes, eu já o havia importunado com aquela questão. Percebi que, de fato, eu havia passado por instantes de baixa lucidez naquela projeção astral e, agora, recobrava uma consciência melhor. Agradei e me afastei.

Após um lapso de memória, os momentos de tensão já haviam passado. A operação foi completada e eu e meu grupo caminhávamos por uma estrada de terra batida. À nossa frente, como um guia, ia um garoto de pele morena aparentando 10 ou 11 anos de idade. Ele andava com um gingado engraçado, parecendo muito à vontade e feliz, quase dançando. O seu jeito lembrou-me as entidades da Linha dos Erês da Umbanda. Num dado ponto do caminho, à direita, íamos passando por um tipo de galpão velho de madeira. Reduzi meu passo e parei. Fui estranhamente atraído pelo que poderia estar dentro do local. Passei a sentir uma sensação de força, arrogância e agressividade. Aquela energia mexia com meus conteúdos de vidas passadas, ou seja, com meus sentimentos e hábitos pretéritos, ainda vivos em mim. O que estava no galpão sintonizava-se comigo e eu com “aquilo”.

Aproximei-me da porta de madeira e, repentinamente, o garoto adiantou-se e abriu ela para eu entrar, fazendo uma espécie de mesura brincalhona, com um dos braços estendidos. Entrei, meio “hipnotizado”, pela estranha força que me atraía. Logo percebi que o interior do galpão em nada se parecia com o lado externo. Por dentro, tudo era novo e limpo. Havia uma forte iluminação no ambiente. Aquilo era um extenso salão e, à frente, estavam cerca de 70 entidades, entre homens e mulheres, que pareciam estar presos. Contudo, não havia grades entre essas pessoas e eu. Aliás, notei que aquilo que os mantinha ao fundo do salão deveria ser um tipo de barreira magnética invisível.

Fui até eles, sem medo, sintonizado pelos sentimentos que emitiam. Aqueles seres exalavam uma autoconfiança arrogante. Estavam muito contrariados por estarem presos. Provavelmente, eles foram capturados pela *blitz* a que me referi, no início deste relato. Quando cheguei num certo ponto, a mais ou menos 1,50 m deles, parei. Percebi, intuitivamente, que era o

limite da barreira magnética. Alguns me endereçaram palavras e desafios diretos. Porém, destacou-se um homem sem camisa, bastante musculoso, que com um porrete na mão, disse: “O bom é quando fazemos amizade! Aí é que dá para bater à vontade!”

Após ouvir a esquisita comunicação, entrei em transe. Não perdi a consciência e recordei de ter cruzado meus braços lentamente sobre meu peito. Em seguida, passei a emitir frases numa língua estranha. Pude, então, ver que os prisioneiros se comprimiram à direita e à esquerda, deixando um quase vazio em minha frente. A entidade que usava a minha mediunidade, em pleno Mundo Astral, era firme, mas não agressiva. Porém, a sua vibração não agradou às entidades capturadas. Em seguida, despertei no meu leito.

DATA: 11/04/2015

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Eis um relato que demonstra a atividade protetora e higienizadora da Umbanda nos planos espirituais próximos ao Mundo Físico, que conta com a participação de médiuns desdobrados, como doadores de ectoplasma, de uma forma mais ou menos evidente. Os espíritos aprisionados, pela sua vibração, eram quiumbas (obsessores). A corrente umbandista tem, como uma de suas principais funções, encaminhar estes seres, de modo a permitir que vivamos na Terra com as condições básicas para desenvolvermos bem a atual reencarnação. O teste da vida material é não nos sintonizarmos, no dia a dia, com criaturas ainda voltadas à negatividade. Quanto à entidade que se utilizou de minha condição mediúnica, dentro do galpão, pareceu-me ser do chamado “Povo do Oriente”, que atua também no Umbandismo. O gesto de cruzar os braços sobre meu peito, foi no sentido de proteção. Isto não deve ser confundido com as rápidas e vigorosas batidas na altura do chacra cardíaco, que fazem os guias da Linha de Xangô. Não foi este o caso.

RELATO 35 – ANTEVÉSPERA DE TRABALHOS NO CENTRO

O relógio marcava 11:15 h da noite, quando desliguei a luz do quarto. Pensei, brevemente, que seria bom realizar uma projeção astral com rememoração. Ultimamente, eu não vinha me dedicando com frequência aos exercícios projetivos, simplesmente deixando, na maioria das vezes, que as viagens astrais ocorressem de forma espontânea. No entanto, naquela

oportunidade, senti vontade de usar a técnica da esfera dourada. Como eu estava cansado, logo após o início do exercício, “apaguei” rapidamente.

Em algum momento da madrugada, recorde-me de ter encontrado a Tetê Souza e a senhora Vanda. Estávamos numa construção, que identifiquei ser a contraparte astral do centro espiritualista, onde eu vinha atuando no Plano Terreno, há pouco mais de um ano. O templo pertence à corrente umbandista, mas possui outras atividades como, por exemplo, trabalhos específicos de cura, assistência material a famílias necessitadas etc.

Bem, retornando ao relato, notei que estava na dimensão astral correspondente ao centro. As atividades eram muito variadas e intensas, o que não permitiu ao meu cérebro físico, no nível consciente, registrar tudo em minúcias. Tive uma espécie de rememoração que chamo de “condensada”, que é um resumo do que ocorreu nesta primeira fase da projeção. Um fato relevante foi uma conversa que tive com uma pessoa desconhecida projetada. Ao abordá-la, fiz um tipo de leitura psíquica de seu campo áurico. Era um jovem de pele branca e cabelos escuros, mais ou menos 25 anos, que precisava de ajuda. Falei a ele que o seu problema era o álcool. Assinalei que ele abusava da bebida e, embora não se considerasse um alcoólatra, estava caminhando perigosamente para tornar-se um dependente. O rapaz sorridente, humildemente, concordou.

Outra atividade que recordei, de forma sintética, foi um atendimento externo ao centro. Num certo local, buscamos um desencarnado que vivia a esmo, como um mendigo. Resgatamos ele, que estava meio desorientado, e encaminhamos aos trabalhadores espirituais do templo.

As demais ações que fizemos, na contraparte astral da casa umbandista, que, aliás, era bem maior do que a construção correspondente no Plano Físico, foram atividades de arrumação e preparação energética dos vários cômodos. Alguns destes ambientes pareciam pertencer a uma espécie de enfermaria ou hospital. A preparação estava acontecendo porque, dentro de dois dias, haveria uma sessão no centro e, provavelmente, vários desencarnados em desequilíbrio seriam trazidos para a nossa egrégora.

Na sequência, despertei no corpo denso, pois precisava ir ao banheiro. Olhei para o relógio e eram 6:30 h da manhã, quando voltei à cama. Decidi descansar um pouco mais, pois era cedo para ir ao trabalho. Repassei pela memória o que vinha fazendo no Astral e relaxei. Acabei me projetando novamente, para a contraparte astral do terreiro. Voltei às tarefas de arrumação e preparação bioenergética dos cômodos.

Num desses quartos, que pareciam ser de uma enfermaria ou local de repouso para convalescentes, encontrei-me com um rapaz que já conhecia. Era um desencarnado que atuava

como trabalhador espiritual do centro. Quando terminamos a nossa função ali, nos dirigimos para a porta de saída, rumo a um extenso corredor, onde era possível ver as portas dos outros cômodos. Num rompante de espontaneidade de minha parte, falei a ele: “Sabe que eu me sinto muito bem na sua presença?” Ele sorriu para mim, nada dizendo. Estava trajado com uma calça azul clara e camisa branca. Era um jovem de pele branca e cabelos cacheados loiros, aparentando cerca de 23 a 25 anos de idade. Seu rosto era largo e seus olhos eram azuis.

Mirei bem nos seus olhos e, passando meu braço sobre seus ombros, disse a ele: “É como se você tivesse sido meu irmão de sangue, lá na Terra.” Então, ele sorriu mais intensamente e seus olhos demonstraram felicidade pelo meu reconhecimento. Contudo, não falou nada, mais uma vez. Caminhei alguns passos com ele, pelo corredor, enquanto meu braço direito ficava sobre seus ombros. Percebi que meu chacra cardíaco expandiu-se, vibrando forte. Notei, também, que todo o meu campo áurico se expandiu e houve uma fusão ao campo da entidade.

Em seguida, voltei ao meu corpo material e o relógio marcava 7:15 h da manhã. Fiquei com a sensação agradável de irmandade, por um tempo relativamente longo, até que cheguei ao trabalho. Lá pude registrar todas as recordações, antes que alguém me chamasse para alguma tarefa. Consegui ainda refletir quanto aos nossos amigos espirituais e sobre os seres que atuam nas egrégoras espiritualistas. Concluí que muitos deles simplesmente são almas afins, com as quais tivemos laços de parentesco e afeto no passado. Os elos não se rompem.

DATA: 24/09/2015

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Esta vivência permitiu vislumbrar um pouco do que acontece, em termos de preparativos, antes de uma sessão umbandista e como os médiuns desdobrados podem ser úteis, neste contexto. Também foi possível ver e descrever como é um terreiro de Umbanda, no Astral, embora esta breve e muito parcial descrição possa não corresponder, exatamente, a como são outros centros umbandistas no Mundo Sutil. E por que digo isso? Bem, a Umbanda é formada por um agregado de influências espirituais de diversas origens, ou seja, é universalista. Assim, terreiros que tenham uma participação maior de entidades ligadas às matrizes africanas, poderão ter um tipo de estrutura e organização um tanto diferentes daqueles que, por exemplo, sejam mais ligados ao chamado “Povo do Oriente”, ou tenham maior atuação de falanges cristãs etc. Contudo, o que mais importa é que essas casas espiritualistas estejam alinhadas com um trabalho evolutivo e altruísta,

conforme o que apontou o anunciador da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1908.

RELATO 36 – ENTIDADES EM TRABALHO

Eu conversava com Fabíola, no Plano Astral, sobre assuntos corriqueiros e ela parecia ter pressa. Estava um tanto ansiosa. Num dado instante, senti a vibração de um preto-velho e permiti a minha mediunização por aquela conhecida entidade espiritual.

Pai Cipriano, agora, assumira o diálogo com Fabíola. Dentro do meu processo de semiconsciência, pude compreender que ele disse à moça: “Filha, não vá embora agora. Espere mais um pouco.” Notei o rosto de Fabíola como que se resignando a aguardar, ali, por um tempo a mais. Estávamos sentados um de frente para o outro e nos mantínhamos separados por uma pequena mesa branca quadrada e de aparência metálica. Então, o velho guia da Umbanda voltou a falar com a jovem: “Me entrega isso que está aí com você!” Fabíola, em seguida, retirou algo da roupa que cobria seu corpo astral, colocando sobre a mesa. Pude perceber que o material, depositado em grande quantidade sobre a mesa, era uma espécie de pó esbranquiçado, a semelhança de pó de pomba. Os umbandistas sabem que isto é muito utilizado em imantações de vários tipos no Plano Terreno, porém, não raras vezes, é aplicado em magia negra, por pessoas mal intencionadas.

A seguir, recordo que todo o pó, de uma forma instantânea, foi acondicionado dentro de um pacote, aparentemente de papel. Um fenômeno de plasmagem acabara de ocorrer, através do comando mental do preto-velho. Senti que ele ia pegar aquele “embrulho”, mas, para minha surpresa, a entidade já não estava mais comigo. Percebi meus braços astrais se esticarem na direção do “pacote” e tive vontade de rir. Então, manifestou-se através de mim, em mais uma mediunização, uma criança espiritual de nome Zequinha. Ele puxou o material empacotado, dizendo: “Deixa comigo!” Na sequência, falou algumas coisas para a Fabíola, em tom brincalhão, mas não posso recordar exatamente o conteúdo, seja devido à semiconsciência, ou talvez por uma falha de rememoração da experiência extrafísica. Logo a seguir, despertei em minha cama.

Depois de ter lanchado, ainda pela manhã daquele sábado, apareceu Fabíola com o rosto aparentando um pouco de sono. Contei-lhe minha experiência no Astral, mas ela falou que não recordava qualquer coisa (faltou-lhe capacidade de rememoração). A jovem apenas lembrava que, bem antes, mais ou menos pelas 6:00 h da manhã, havia despertado no seu quarto e pensado em ir logo para o seu trabalho, onde gerenciava uma clínica. Mas, ela reavaliou este seu primeiro impulso, pois, sendo sábado, poderia descansar um pouco mais, indo para a labuta mais tarde. Isto

foi resultado da indução mental feita pelo preto-velho, um pouco antes, no Mundo Astral.

E ela ficou ali conversando comigo e com as demais pessoas da residência, até que recebeu um telefonema. Era a secretária da clínica, informando que havia acontecido uma confusão com determinada paciente, que exigia um atendimento mais rápido. A mulher, inclusive, queria passar à frente de outros clientes indevidamente. Fabíola, então, dirigiu-se à clínica e contornou a situação com habilidade. Mais tarde, retornou e contou os detalhes desse evento.

Este foi um interessante caso de um trabalho mediúnico, realizado em pleno Mundo Astral, com confirmação pessoal posterior de sua veracidade e eficácia. Pai Cipriano havia retido Fabíola “do outro lado” o quanto pôde, para evitar que ela saísse muito cedo e fosse surpreendida pela paciente desequilibrada. Tendo ficado em casa um pouco mais, possibilitando que fosse avisada previamente pela secretária, ela pôde elaborar argumentações mais seguras, durante a ida ao trabalho, de modo a evitar mais confusão na clínica. Além disso, Fabíola me confessou, após o acontecimento, que não vinha se sentindo bem nos últimos dias e com forte tendência à irritação. Ela disse crer que aquilo que havia ocorrido no Astral fora uma limpeza de seu campo áurico, pelo preto-velho e com a ajuda do erê Zequinha. Talvez, por isso, tenha se sentido melhor para lidar com a situação, que estava por acontecer.

A conclusão a que podemos chegar é que a Espiritualidade atua sempre na proteção e orientação daqueles que fazem por merecer. Muitas pessoas que procuram fazer o melhor têm essa proteção, porém nem sempre sabem como isso aconteceu no Plano Astral.

DATA: 12/03/2016

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

O relato é bastante autoexplicativo, mas cabem algumas considerações. Nas minhas experiências extracorpóreas, com o processo mediúnico no Mundo Astral, nunca desejei que o fato acontecesse, isto é, não me recordo de ter invocado mentalmente a ajuda de algum guia da Umbanda ou de outra corrente espiritualista. Tudo sempre aconteceu de forma espontânea, o que me leva a ter uma convicção de que, sempre, nesses casos, as situações são programadas pelos mentores. E isto é algo perfeitamente compreensível, pois eles sabem sobre os desafios a serem enfrentados, tendo as devidas soluções para os problemas de desencarnados ou encarnados aflitos. Por fim, recordo que a mediunização de pessoas projetadas no Astral é perfeitamente possível e,

para isso, é preciso que o projetor esteja numa densidade vibratória maior do que a entidade manifestante. Este fato, compreendo eu, deve ser relativamente comum nas camadas energéticas planetárias, onde a assistência espiritual é necessária, mas não há muitos registros dessas ocorrências aqui na Terra. Isto acontece, pois o médium desdobrado geralmente teve a sua consciência muito reduzida, durante o exercício da mediunidade, ou sua capacidade de rememoração não foi das melhores.

RELATO 37 – ENCONTRO COM HUMORISTA DESENCARNADO

Recordo que eu andava por um extenso parque, numa localidade em que não havia grande luminosidade. Era um local com uma densidade vibracional semelhante ao Umbral, ou seja, uma de suas “faixas”. Porém, eu não temia nada em especial. Sentia-me seguro. Apenas caminhava, observando para aprender e também tentando intuir qual a minha tarefa ali. Vi muitas pessoas com aparência relativamente jovem. Eles procuravam se divertir. Havia vários grupos dispersos, em pequenas aglomerações, e em cada uma ocorria algum tipo de apresentação teatral.

Depois de perambular por vários setores daquele ambiente, aproximei-me, em especial, de um determinado agrupamento. Notei que, sentada num banco aparentemente de pedra, estava uma mulher semidesnuda. Em frente a ela, havia uma mesa também com aparência de ser de pedra, onde apoiava os cotovelos. No seu entorno, alguns jovens aguardavam que ela se movimentasse. Aquilo era um tipo de jogo, em que a jovem se fazia de estátua, mas, em certo momento, movimentava uma parte do corpo, mostrando porções que estavam escondidas. Percebi o interesse sensual e me afastei.

Caminhei mais um trecho, aproximando-me de outra aglomeração, e o quadro que vislumbrei era semelhante ao anterior: outra mulher seminua, também sentada num banco, fazendo-se de estátua. Às vezes ela se movimentava, deixando aparecer uma parte do seu corpo. Os jovens à volta estavam magnetizados. Afastei-me, logo na sequência.

Segui em frente e cheguei próximo à saída do local, onde havia um grande portão aberto. Notei brevemente que eu estava sendo seguido, mas nada temi. Quando já estava perto do portão citado, vi entrando uma figura conhecida. Era um humorista famoso, desencarnado há poucos anos. Fui em sua direção, para confirmar se era ele mesmo. Quando cheguei perto dele, parei e olhei em seus olhos. Notei que ele estava rejuvenescido.

Senti uma vibração espiritual e entrei num transe leve. Passei a falar com o humorista. Não lembro exatamente todas as palavras, mas sei que o sentido global era sobre a sua última vida terrena, um resumo, e ao final recordo as palavras que saíram da minha boca: “Lembro ao senhor, que uma coisa muito boa fez, enquanto estava na terra. O senhor fez muitas pessoas sorrirem!”

Ao final do meu breve “discurso”, voltei a mim e percebi que humorista estava emocionado. Haviam lágrimas em seus olhos. Em alguns instantes, ele se recompôs e também proferiu algumas palavras. Ele estava grato com relação ao que eu pude transmitir e, no final, fez um pequeno protesto em tom jocoso, dizendo que gostou do que eu havia falado, mas que, infelizmente, eu havia feito ele chorar.

Nos entreolhamos e eu senti que ele precisava prosseguir para dentro do parque. Compreendi que o experiente humorista estava cumprindo uma tarefa ali, usando as suas habilidades em contar piadas, distrair os outros e em magnetizar a atenção das pessoas com as técnicas que havia desenvolvido no Plano Terreno. Naquele ambiente, a sua função era atrair a atenção daqueles jovens, que pareciam meio perdidos. Provavelmente eram também desencarnados e aquele humorista me pareceu que precisava fazer aquilo para trazer alguns jovens com ele, para fora daquele parque, e, depois, promover um encaminhamento a locais de esclarecimento e reequilíbrio.

Continuei caminhando para a minha meta. Eu sabia que deveria retornar para uma espécie de edifício. Chegando ao local, entrei pela porta principal e percebi que alguns jovens haviam me acompanhado. Lembro bem de uma moça negra e um rapaz moreno, bem como mais umas duas pessoas, também na fase de adolescência. Eles pareciam atraídos pela minha pessoa e eu não sabia bem o porquê. Talvez estivessem atraídos pelo ser que havia me utilizado há poucos instantes, para passar a mensagem ao humorista, que agora era um trabalhador espiritual. O mentor que me acompanhava e que estava invisível, em nível vibratório mais sutil, era bem perceptível para mim.

Caminhei por um corredor comprido e eu sabia que não deveria deixar aqueles jovens entrarem num determinado local comigo. Quando cheguei em frente a uma porta específica, abri ela rapidamente, entrei e a fechei com agilidade. Deixei-os do lado de fora, mas sabia que eles já estavam dentro do prédio e, ali, outros iriam recebê-los.

Dentro do cômodo, logo encontrei várias pessoas. Passei por Tetê Souza, companheira frequente em trabalhos espiritualistas, que tinha o rosto um pouco cansado. Logo uma menina muito simpática e sorridente veio correndo até a mim e ela falou que trouxe um recado da vovó. Abaixei-

me para conversar com a menina, que tinha pele clara, cabelos negros curtos e lisos e um grande sorriso no rosto. Antes que ela falasse, eu disse que já sabia a mensagem da vovó. Ela, com seus olhos brilhantes e em expectativa, esperou eu falar. Então, eu disse que já sabia que tinha que trabalhar muito com as Almas. Eu, interiormente, entendia que tinha tarefas difíceis no centro espiritualista onde trabalho, no ambiente terreno. O sorriso da criança espiritual confirmou a minha intuição. Havia compreendido que o recado que a menina trazia, tinha partido de uma vovó de Umbanda, que esteve incorporada em Tetê Souza, ali, no Mundo Astral. Em seguida, despertei em meu leito, com o rosto da criança bem nítido na minha mente.

DATA: 11/04/2016

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Este relato demonstra que o trabalho com a Linha das Almas, dentro da corrente umbandista, não se resume às tarefas mediúnicas no Plano Físico, quando permitimos a manifestação das entidades que usam a forma de pretos e pretas-velhas, que dão consultas e encaminham espíritos perdidos. O médium umbandista funciona como um verdadeiro “ímã”, atraindo seres com diversos tipos de perturbação, tanto aqui no ambiente terreno, como lá no Astral, durante os desdobramentos mais ou menos conscientes. Assim, sempre é bom lembrar o “orai e vigiai”, pois se aprofundarmos a afinidade com os desencarnados desequilibrados, estaremos nos desviando de um caminho de harmonia, que é uma das metas da Umbanda, uma religião que dá excelentes oportunidades de regeneração aos seus adeptos.

PARTE FINAL

A INFLUÊNCIA DA CORRENTE UMBANDISTA EM MINHAS VIAGENS ASTRAS

Em meus livros anteriores sobre relatos de experiências fora do corpo, eu vinha realizando estatísticas sobre a ocorrência do fenômeno, conforme a cronologia e também quanto à circunstância predominante em minha vida.

No presente livro, resolvi abordar o quanto a corrente umbandista estava envolvida em minhas projeções astrais. Assim, classifiquei cada relato, desde minha infância até o final de 2016, como “vinculado à Umbanda” ou “experiência genérica”. Porém, o resultado que vou apresentar pode ter algum desvio da realidade, pois nem sempre era possível ter certeza que uma “experiência genérica” não tinha alguma influência dos espíritos da corrente umbandista, ainda que de uma forma não perceptível para mim. De qualquer forma, mostrar o quanto os relatos foram classificados claramente como “vinculados à Umbanda” já é um resultado relevante.

Inicialmente, informo que pude registrar um total de 144 projeções astrais conscientes, dignas de nota, até o final do ano de 2016. Fico feliz por ter conseguido este significativo número de experiências fora do corpo, com, pelo menos, razoável grau de lucidez e boa lembrança.

Entre essas 144 vivências fora da matéria, 37 tinham algum nível de influência perceptível de entidades da Umbanda, conforme pôde ser notado pelos leitores ao longo desta obra. Assim, em toda a minha vida até o momento, posso afirmar que, no mínimo, 25,7% de minhas experiências extracorpóreas estiveram “vinculadas à Umbanda”. Isto demonstra que essa corrente espiritualista é bastante ativa no Mundo Astral, em trabalhos de proteção e auxílio de encarnados e desencarnados em dificuldade. Portanto, cabe ao médium umbandista, interessado em sua própria evolução, aprofundar-se nessa questão dos desdobramentos espirituais, de forma a atuar cada vez mais conscientemente nessas atividades, e desenvolvendo-se de maneira mais clara e segura quanto às suas potencialidades.

PALAVRAS FINAIS

Minhas palavras finais são de agradecimento àqueles que se interessaram e leram com atenção este livro. Espero que as experiências extrafísicas aqui expostas e minhas reflexões sobre elas sejam úteis a todos, independentemente de serem umbandistas ou não.

Aos adeptos da Umbanda e simpatizantes dessa bela corrente espiritualista, desejo muito axé em suas vidas. Aos que, ao longo dos anos, vêm acompanhando meu trabalho sobre projeção astral, deixo um sincero abraço, dentro do universalismo que embala a minha alma.

Pablo de Salamanca